A CENA MUDA



N 45 - 4-11-53

Cr$ 4,00

Bem Servir

CARACTERÍSTICA INCONFUNDÍVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE .!

151



152



153



150
CRUZEIROS

- SALTO DE BORRACHA
- ÓTIMA VAQUETA
- TÔDAS AS CÔRES
- NUMERAÇÃO DE 36/44
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR CR$ 5,00
- NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

insinuante

É a maior e melhor sapataria da América Latina e é também uma galeria a sua disposição.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Devolve a importância com o mesmo sorriso com que lhe vende

Luiz Fernandes

apresenta em

A
CENA
MUDA

20/2 azul 35cm

Uma voltinha pelos estúdios nacionais.

Os queridinhos da imprensa

CENA radiofônica

Absurdos!

Cine-novela: «No entardecer da vida».

"Miss Universo" no Cinema!





Marlene responde aos fãs através da CENA.

O novo filme de Carmen Miranda!

Ava Gardner é a maior?...



Página do leitor

Estréia no Duse



Marilyn Monroe é caridosa...

Por falar em cinema nacional...



Greta Garbo trabalhou aqui

BILHETE AO LEITOR

A CENA já mudou, muda e, certamente, mudará ainda algumas vêzes, sempre procurando agradar cada vez mais. Ei-la em NOVA FASE...: dirigida por um fã! Melhor? Pior? Só você poderá responder, caro leitor. Escreva. Critique, seja elogiando ou «metendo o pau», como bem entender. Você tem êsse direito, pois ela é a SUA revista.

A redação.

A "ESTRÊLA" DA CAPA

Não... não desejamos levantar polêmicas sôbre o assunto!... Para uns ela o é, para outros Lana Turner é a "tal"; Rita Hayworth possui milhares de fãs, e Marilyn Monroe já segue as suas pegadas... "E' a maior", significa apenas a tradução da palavra africana "MOGAMBO", título do último filme de Ava...



Ela forma com Clark Gable uma das duplas mais ardentes da tela.



Ava Gardner É A Maior!

EVA GARDNER é hoje, sem dúvida, uma das personalidades mais discutidas do mundo, procurando sempre, com inteligência e habilidade, conservar-se nas manchetes que nem sempre são abonadoras para a linda «estrêla», mas atingem o seu alvo, que é publicidade constante. Aliás, Miss Gardner iniciou sua carreira assim: aquêle seu primeiro casamento, logo com Mickey Rooney, só poderia ter uma finalidade e teve. Pouco depois, já chamava a atenção dos fãs para sua figura encantadora e algum talento, que ela tem procurado lapidar um pouco, sem grande preocupação, pois joga principalmente com sua atração pessoal.

Seus romances e casamentos são conhecidos, culminando com a união a Frank Sinatra, outro enigma para seus ardentes admiradores. No entanto, há quem diga que seu interêsse pelo afamado toureiro Mario Cabre ainda continua, e que ambos se encontraram na Espanha, quando ali estêve antes de partir para a Africa, a fim de filmar «Mogambo», ao lado de Clark Gable.

Frankie confia na espôsa... mas não é muito! Assim que desembaraçou de uns compromissos em Hollywood, tomou um avião e foi juntar-se a ela em Kenya. Não se sabe bem se as saudades apertaram ou se foi levado pelos rumores correntes de que as cenas de amor entre a garôta e Clark Gable estavam sendo propaladas como demasiado realistas!...

Miss Gardner «adorou» as selvas africanas, onde foi inteiramente rodado «Mogambo», mas... ela inda prefere a civilização, com suas jóias, suas peles raras e seus perfumes bizarros.

Ricardo Montalban, além de companheiro de estúdio, é um bom amigo seu, e muitas das vêzes passam todo o tempo disponível trocando piadas. Não se compreende como as mexeriqueiras de Hollywood ainda não repararam!...



PARAMOUNT APRESENTA

NA PRODUÇÃO DE
HALWALLIS

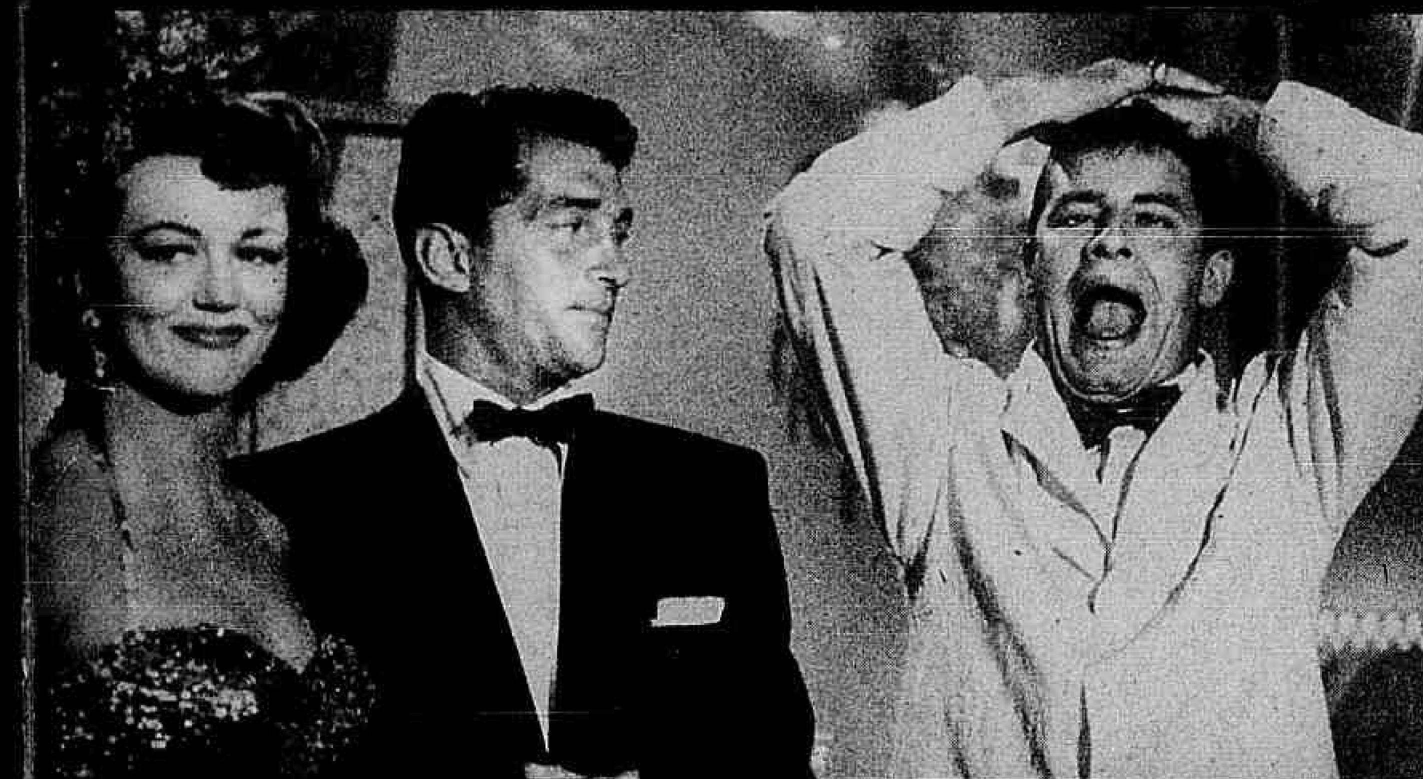
DEAN MARTIN e JERRY LEWIS

MORRENDO DE MEDO

CO-ESTRELANDO
LIZABETH SCOTT e CARMEN MIRANDA
COM
GEORGE DOLENZ · DOROTHY MALONE · WILLIAM CHING

DIRETOR: George Marshall

CANÇÕES:
THE ENCHILADA MAN
WHAT HAVE YOU DONE FOR ME LATELY
THE BONGO BINGO
I DON'T CARE IF THE SUN DON'T SHINE
YOU HIT THE SPOT
MAMAE EU QUERO







"TRA

LARRY Todd (Dean Martin) é um cantor de "boite", que não sabe escolher muito bem suas companhias: vai logo atrás de qualquer rostinho de anjo, como aconteceu aquela vez com a linda Rosie, assim que ela lhe atirou um olhar melífluo... Se êle soubesse que ela é amiguinha de um conhecido desordeiro!... Talvez seu amigo já o saiba, o Myron Mertz (Jerry Lewis), um contínuo biruta como poucos, que tem mania de ser artista.

★

É hóspede do elegante hotel, a louríssima Mary Carroll (Lizabeth Scott), que por obra do acaso herdou uma ilha perto de Cuba, com um castelo e tudo o mais. Mas o pior é que dizem que o castelo é mal-assombrado!...

Os aborrecimentos de Mary começam cedo, pois um dos hóspedes do hotel é assassinado bem à porta de seu quarto, o que faz com que ela apresse a partida. Desconfiam que Larry seja o criminoso, e não tendo outra alternativa, entra êle numa das malas de Mary, e sem saber, está também embarcando para Cuba.

Em Cuba, Larry e Myron, pois êste também conseguira esconder-se a bordo, conseguem um contrato para atuar num afamado "night-club" local, juntamente com Carmen Castina (Carmen Miranda), uma "estrêla" de variedades em turnê. As maluquices de Myron no palco quase fazem a casa vir abaixo, principalmente quando dança uma rumba com Larry e faz uma imitação de Carmen, cantando

LER”

“Mamãe eu quero” em português. O sucesso que os três conseguem é fabuloso, mas já que vieram com Mary, têm de acompanhá-la à ilha perdida e misteriosa!

★

Lá chegados, ficam todos apavorados com o aspecto amedrontador da mansão, e passam pelos maiores sustos, às voltas com fantasmas, barulhos de correntes, gritos lancinantes e portas que se abrem e se fecham sem a menor cerimônia. O pobre do Myron é quem mais sofre, pois é terrivelmente medroso. E com êle é que acontecem as piores coisas, até quando está calmamente sentado, certa hora, e duas mãos horrorosas o agarram.

Mary tem conhecimento de que existe um tesouro escondido no castelo, e munidos de velas, os três resolvem dar uma busca pelas salas imensas e corredores escuros. Tudo acontece ao coitado do Myron! Até uma armadura medieval, aparentemente inofensiva, estender o braço e atingi-lo em cheio!... Logo com êle é que vai acontecer uma coisa dessas! E êle não sabe do pior: corre uma lenda de que o tesouro é protegido por um “zombie”!

Continuam a busca, sendo que a essa altura, Larry já está apaixonado por Mary, e não a deixa só um instante, alegando o perigo constante que os cerca. Depois de muita procura, encontram não o tesouro, mas o responsável por todo aquêle mistério e todos os sustos e perigos por que passaram. Mas vamos parar por aqui, para não tirar o sabor do desenlace que está naquela câmara secreta, cuja porta é transportada por Mary e Larry...









OS QUERIDINHOS DA

Ei-los, Janet Leigh e Tony Curtiss sorriem satisfeitos e orgulhosos dos troféus que lhes foram ofertados pelo «Clube Feminino de Imprensa», de Hollywood.



IMPRENSA!



Parece que estão discordando na seleção das melhores fotografias. Esperemos que um ceda, senão, pode advir daí um divórcio !...

O «Clube Feminino de Imprensa», de Hollywood, acaba de homenagear um dos mais jovens e simpáticos casais da tela, Janet Leigh e Tony Curtiss, com um ótimo almôço realizado em afamado restaurante da Capital do Cinema. Aliás, todos os anos, essa agremiação repete êsse gesto, quando presenteia o «astro» e a «estrêla» que mais cooperaram com a imprensa, com uma pequena maçã de ouro.

Êste ano, os detentores do interessante título eram casados, de maneira que a sua diretoria deliberou que ao invés de duas pequenas maçãs, o casal receberia sòmente uma — de dimensões duplicadas. Desejavam simbolizar, assim, a união que deve existir em tudo que se refere à vida em comum de um jovem casal. Janet e Tony comoveram-se quase às lágrimas, quando a oradora da turma, em eloqüente e sincero discurso, deu essa explicação quanto à alteração havida na tradicional honraria.

Um enorme vidro de loção ainda lhes foi ofertado, depois do que, ambos agradeceram em poucas palavras àquela homenagem, dizendo, entre outras coisas, que pela sua expontaneidade e sinceridade, a equiparavam ao recebimento de um «Oscar».



O maridinho não resiste e vai matar as saudades no «set» onde a espôsa ensaia alguns números de dança para sua próxima película.

Agora chegou a vez de Janet sentir saudades. Saiu para fazer compras, mas mudou de idéia no meio do caminho. Dirigiu-se ao local onde Tony se exercitava numa partida de futebol.



Donald O'Connor experimenta a musculatura de Tony antes de «arrastar a asa» à graciosa Janet, que com êle estrela «Walking my baby back home», da Universal.



Mas o que é isso? Al Jolson?! Nada disso, é ela mesma, Janet, caracterizada para um número musical do filme que está terminando ao lado de Donald O' Connor. Tony se diverte!...



Começou assim: assinatura de contrato e poses para publicidade...



Oito concepções diferentes da beleza: da esquerda para a direita, Synnove Gulbrandsen (Noruega), Emita Arosema (Panamá), Alicia Ibañez (Uruguai), Christiane Martel (França), Myrna Rae Hansen (Estados Unidos), Ingrid Mills (África do Sul), Kinuko Ito (Japão), Maxine Morgan (Austrália). Transpondo os portões do estúdio da Universal-International, tôdas sonham com o estrelato.



Miss Universo assina o contrato.

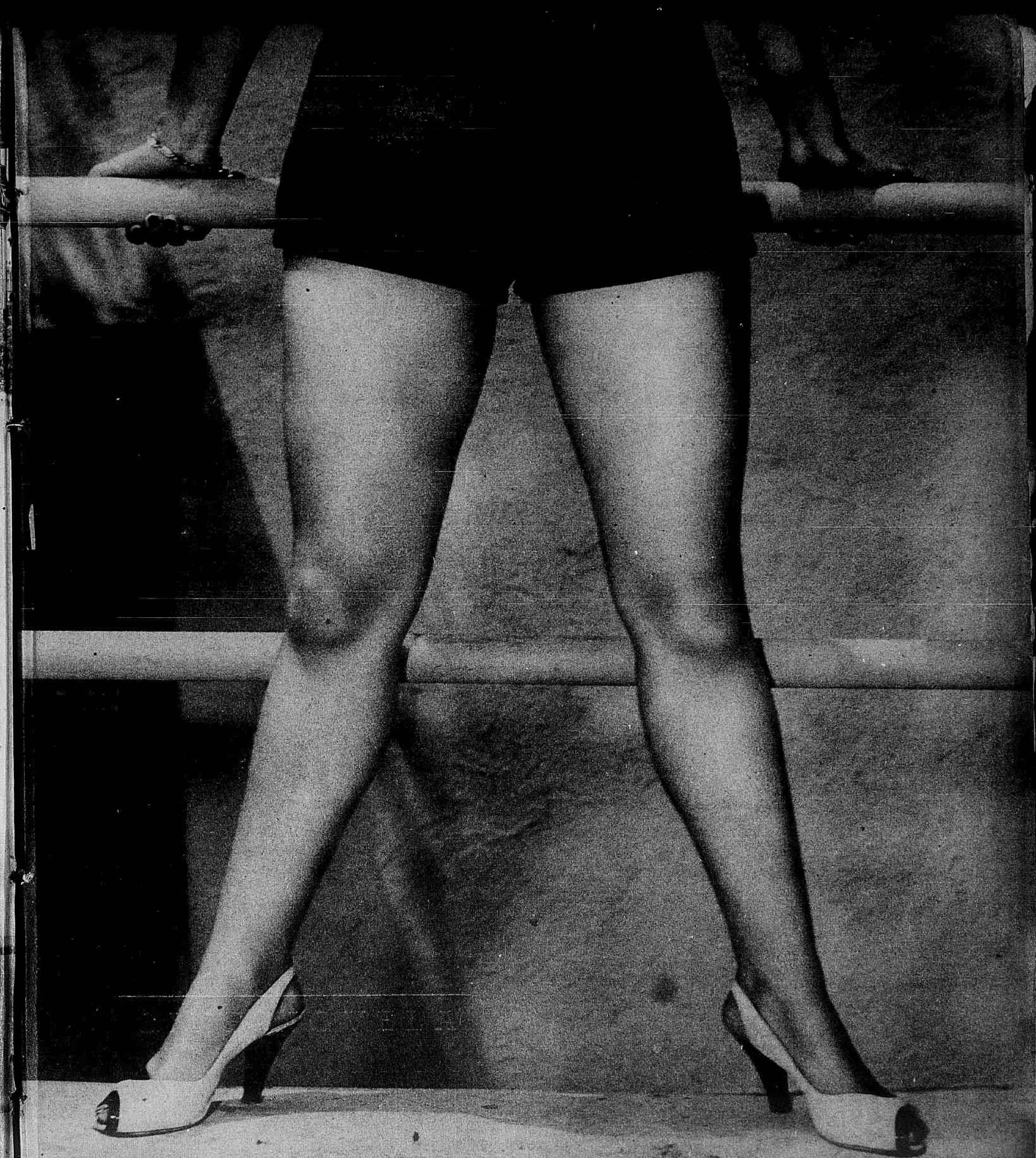
"MISS UNIVERSO" NO CINEMA

Christiane Martel, a «Rainha da Beleza», inicia sua carreira de «estrêla», esperando vir a ser um dia a «Rainha dá Tela»!



QUANDO Christiane Martel, representante da França no concurso internacional de beleza que se realiza em Long Beach todos os anos, foi proclamada "a mais bela dentre tôdas as belas", pensava-se que tinha conseguido o máximo que uma garôta de 18 anos pode ambicionar. Puro engano!... Christiane Martel recebia tôdas as homenagens que lhe iam sendo tributadas, após a decisão do júri, com aquêle lindo sorriso que conhecemos, mas seu pensamento já estava um pouco além! Sim, já antecipava as emoções por que ainda iria passar, ao transpor os portões dos estúdios da Universal, talvez logo no dia seguinte. Como se sabe, êsses concursos têm sido patrocinados por aquela produtora, em combinação com a "Catalina Swimming Suit" e a "Pan-American Airways" e, em geral, a vencedora é convidada para fazer um filme, aproveitando-se a tremenda publicidade em tôrno de seu nome e a natural curiosidade pública de ver numa tela a "rainha da beleza". E ser "estrêla" de cinema sempre foi o objetivo principal da lindíssima modêlo que Paris mandou de presente à glamorosa Califórnia.

Sem experiência artística alguma, "Mademoiselle" Martel, assim como sete outras candidatas ao título, tiveram de passar por todos os departamentos do estúdio, a fim de adquirir os conhecimentos necessários ao início de uma carreira. As fotos que ilustram esta página e as seguintes, dizem bem do treino a que tiveram de ser submetidas.



Christiane Martel. Dezoito primaveras, um belo rosto, graça, formas perfeitas. Mas terá talento?...

...depois, ginástica, aulas de dança, dicção e representação...



No ginásio do estúdio, o instrutor de danças, Kenny Williams, inicia-se na arte terpsicoreana, tendo pelas mãos as «Misses» Panamá e África do do Sul. Essas aulas são destinadas a conservar-lhes a linha, enrigecer os músculos e desenvolver a pose e o ritmo em todos os seus movimentos, tornando-as mais leves, desenvôltas e graciosas. Aulas necessárias e preciosas, ainda que muitas dessas garôtas jamais se exibam no passo de dança.

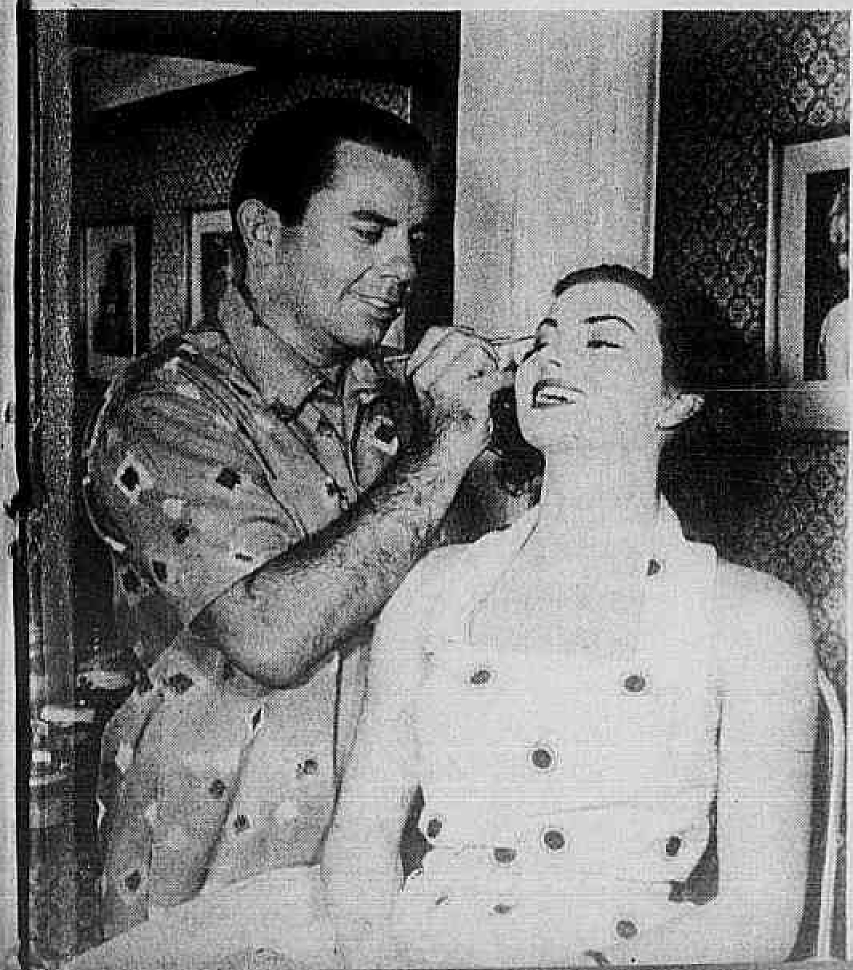
Na escola de «estrêlas» mantida pelo estúdio as representantes da beleza australiana, japonêsa e norueguesa praticam dicção com a professôra Estelle Harman, enquanto as demais observam atentamente. Sòmente Christiane se distrai, encarando a câmara. A «mais bela de tôdas» já estará assim tão certa dos seus conhecimentos como dos seus belos atrativos físicos?...





Uma das aulas que as «Misses» julgam mais interessantes e agradáveis é a de representação. Quando se trata, então, de uma como a que vemos aqui — uma cena de amor com o ator Richard Long e a loura norueguesa — as outras não se contentam em ser simples observadoras. Tôdas querem repeti-la para a professôra, alegando que, com a prática, os ensinamentos ficarão gravados para sempre!... Assim, Richard fêz a mesma cena OITO vêzes, em cada uma delas tendo ao colo uma beldade de nacionalidade diferente. Rapaz de sorte!...

...chega a hora da maquilagem, dos cabeleireiros, «tests» e...



«Mademoiselle» Martel não [illegible]der: mesmo quando está entregue às mãos da cabeleirei[illegible]-se no idioma inglês com a ajuda de [illegible]nário.

...pronto: nasce uma ESTRÊLA!...



... que tem a «maquillage» retocada por Bud Westmore e Frank Westmore...

... passeia pela rua «européia»... na Universal...





AGORA que já foi feito um "short" mostrando as representantes da beleza de 8 diferentes países, certamente a Universal as dispersará com um sorriso nos lábios e as passagens de volta nas mãos. Mas a bela Christiane permanecerá em Hollywood. Por quanto tempo, ninguém saberá dizer, dependendo muito de sua inteligência, perseverança, fôrça de vontade, sorte e... algum talento. Em Junho de 1954, outra jovem igualmente linda lhe arrebatará o cetro e ela passará a ser simplesmente uma ex-Miss Universo, o que não basta nem ao menos para manter em equilíbrio a carreira de atriz, ainda mais numa terra onde um rosto bonito e linhas perfeitas passaram a ser coisas corriqueiras...



... comanda o grupo de «Misses» num «short» em que tôdas bancam havaianas (coisas de Hollywood...) e sorriem faceiramente para a câmara...



... e contracena com Jeff Chandler e Barry Norton nesta cena de «Yankee Pasha», sua primeira película de longa metragem, onde interpreta uma pequena de Marselha.

UMA VOLTINHA PELOS ESTÚDIOS...

ENTÃO foram-me procurar na «Cinelândia» e não me encontraram, hein?... Bem, eu não tive tempo para avisá-los de que meu novo lar é a CENA, e, por conseguinte, o de vocês também. Para me penitenciar, tenho reservada para vocês uma surprêsa — e uma grande surprêsa! Vou levá-los ao estúdio da «Sacra Filmes», lá em S. Cristóvão, onde terão oportunidade de assistir à primeira cena de «Nobreza Gaúcha» a ser filmada. Gostaram? Então, vamos, pois a caminhada não é brincadeira!...

O que é isso?! Aonde vão? E' aqui mesmo, nesta casa velha. O quê? Não tem «pinta» de estúdio? Não tem mesmo... mas é. Os barracões, contendo os palcos de filmagem estão lá atrás, vocês vão ver. Entremos... Sabem quem é aquela garôta alta que vem vindo ali, de bombachas gaúchas, chicote, lenço no pescoço, e tudo o mais? Ora, ora, é Patrícia Lacerda! Não a imaginava assim tão bonita? Realmente, suas fotografias não lhe fazem justiça. Ela é muito amável, como vocês verificaram, pois fêz questão de nos mostrar todo o «set», com as diversas dependências de uma fazenda do sul. Aliás, o Mancini está fazendo muita questão de autenticidade neste seu novo filme, a partir da indumentária que usam os personagens, trazida por êle de Pôrto Alegre, quando foi escolher os locais para tomada de exteriores. Vocês sabem?... Silêncio, silêncio, que êsse toque de campainha significa que a câmara vai «rodar». Aliás, vocês já deviam saber disso, pois já estiveram presentes a muitas filmagens!...

EMPREGADA (entrando no quarto de Patrícia, que chora convulsivamente, estirada numa cama):

— «Eh, eh, menina! Que bobagem é esta? E' alguma dor que tu estás sentindo? Não? Então... que tolice é esta? Fala menina!»

PATRÍCIA (continuando a soluçar): — «Oh, «siá» Rita!... Eu sou uma infeliz!»

EMPREGADA: — «Ai, ai, ai... Vamos! Deixa de bobagem. Fala direito com a gente. Assim! Que foi?»

PATRÍCIA: — «Meu pai falou comigo...»

EMPREGADA: — «Grande novidade! E então?»

PATRÍCIA: — «Cismou que eu tenho de me casar!»

EMPREGADA: — «Ora, ora! Pois se tu estás uma lindaça! E' claro! E' só parar rodeio dos conhecidos... e escolher o mais de agrado!»

(A empregada abraça-a carinhosamente e o chôro de Patrícia aumenta, enquanto Mancini grita «Corte»).

Vocês repararam como a pequena é boa atriz, embora seja uma das mais jovens «estrêlas» do nosso cinema? Dava a impressão de estar «vivendo» a parte da personagem, a quem o pai quer obrigar a fazer um casamento sem amor. E notem: tratava-se de uma cena que veremos na metade do filme, embora seja a primeira a ser filmada. Deve ser bastante difícil «sentir» uma cena sem estar preparado emocionalmente pela anterior, não acham? Mas tem de ser assim, para se facilitar o trabalho de produção.

O que é que você aí está perguntando, garôta? O Emílio Castelar? Não, não trabalha hoje, mas... — não precisa fazer essa expressão de decepção! — você o verá, sim, pois informaram-me que viria tratar de um assunto qualquer com Mancini. Nem que fôsse de propósito... aí vem êle entrando! O quê? E' verdade, êle é um dos nossos mais altos galãs, se não foi «o mais» alto. Deve medir um metro e oitenta e... tanto, perto de noventa! Forma com Patrícia uma dupla até bem interessante, pois são jovens, alinhados e altos. Reparem só naquela menina! Quase perdeu a respiração ao ser apresentada ao Emílio! E vocês, rapazes, o que acharam da Patrícia? O que há? Perderam a voz?... Está bem, está bem, não precisam responder, pois sei exatamente o que estão pensando...

Como é? O que eu ia perguntando quando a campainha pediu silêncio? Ah, é verdade, quase me esquecia. Ia perguntar se conheciam aquêle outro ator que está sentado ali, também vestido de gaúcho, à espera de ser chamado para alguma cena. Não? E' o Jece Valadão. Vocês sabem, sim... E' o ex-noivo de Rosângela Maldonado. Romperam o compromisso às vésperas do casório, chegando ambos à conclusão de que não se amavam o bastante para dar um passo dessa natureza. Mas continuam muito bons amigos.

Rafael Mancini é o diretor, cenarista e autor da história, mas o diretor de fotografia não é o Fekete, como fôra anunciado. Quem será? Eu também não o conheço, mas aí o vêm trazendo para nos apresentar. Ah, Jorge Dusek, o responsável por «A Santa de um Louco». De fato, sua fotografia é bonita e artística, embora não conservasse o mesmo nível em tôdas as cenas dêsse seu último trabalho. Esperamos que o faça desta vez.

E com isso, vamos tratar de sair, pois está ficando tarde. Cada um para sua casa e até outro dia.

Por LUÍS FERNANDES

ESTAMOS TODOS COMEÇANDO

ALEX VIANY

CONVIDADO DE HONRA



DUAS práticas prejudiciais — o elogio fácil e a falta de modéstia — muito têm contribuído, nos meios artísticos brasileiros, para a consagração de falsos valores. Por dá cá aquela palha, um novo ator, um teatrólogo estreante, um romancista promissor, ou um pintor que aparece, é logo cantado aos quatro ventos como um gênio, um artista completo, um dos maiores do mundo, nas mais desagradáveis erupções de provincianismo.

Isso, naturalmente, pode levar a tudo — à formação de igrejinhas, ao estabelecimento de sociedades de elogios mútuos —, mas nunca ao amadurecimento normal dos verdadeiros talentos. Julgando-se completos, os artistas cessam de evoluir, e muitas vêzes involuem. Perdem o senso de proporção, vêem o mundo em seu grupinho restrito, tornam-se auto-suficientes.

Se isso é um mal em qualquer atividade artística, no cinema é um crime sem salvação. O cineasta pode ser tudo: menos auto-suficiente.

Em outros setores, o artista consciente tem muitos pontos de referência no próprio Brasil. Na literatura, na música, na pintura, mesmo no teatro, possuimos uns tantos valores, e, se sabemos escolher, temos excelentes exemplos de dedicação ao trabalho, de responsabilidade social, de perseguição infatigável a um fim determinado.

Mas, em cinema...

Além de ser o cinema uma arte nova, ainda não inteiramente definida no plano mundial, com uma gramática onde as exceções superam as regras, e com um número tão ínfimo de obras definitivas que podemos contá-las nos dedos das mãos, não possuimos até agora, no Brasil, devido às mais diversas injunções, uma tradição cinematográfica. Não quero desrespeitar, de modo algum, os nomes ilustres que dignificam o passado do cinema brasileiro: Paulo Benedetti, Carmen Santos, Moacyr Fenelon, Ademar Gonzaga, Mário Peixoto e outros tantos merecem as homenagens dos homens que agora fazem cinema no Brasil. Mas, se lutamos com grandes dificuldades, obrigados a cada instante a modificar planos e programas para fazer frente a deficiências técnicas e artísticas, bem podemos imaginar os problemas com que se defrontaram êsses corajosos pioneiros.

A verdade é que estamos todos começando. E, como iniciantes, não devemos perder, por um só momento que seja, o senso de proporção, a definição dos obstáculos que devemos transpor.

Infelizmente, há elementos auto-suficientes em nosso meio, que desprezam a inestimável contribuição dos técnicos, colocando-se falsamente acima dêles, e que, por outro lado, ficam fechados, como perus, dentro de suas rodinhas, tão preocupados com abstracionismos estéticos que ignoram todos os movimentos em prol da consolidação da indústria cinematográfica em nosso país.

A verdade, repito, é que estamos todos começando. De filme para filme, surgem e vão se firmando novos valores, em tôdas as categorias técnicas e artísticas. Sem recorrer aos bons elementos estrangeiros que vêm trabalhar conosco, eu citaria, de memória, nomes como Rafael Valverde (coordenador), Milton Ribeiro, Doris Monteiro, Ricardo Campos, Glauce Rocha (atores), Henrique Gandelman (compositor), Silvio Carneiro (operador de câmara), Martim Gonçalves (cenógrafo), Ítalo Jacques, Walter Durst (argumentistas), Jorge Ileli, Lima Barreto, Osvaldo Sampaio (diretores). E há muitos outros, que vão aparecendo com o progresso artístico e industrial de nosso cinema.

Mas todos começam, e todos têm de aprender com o que vão fazendo, aprendendo ao mesmo tempo a respeitar e depender do trabalho alheio, a compreender que ninguém sòzinho faz um filme — que um filme é feito por um grupo de técnicos e artistas, cuja coesão é dada pelo produtor e pelo diretor; que um filme pode ser estragado em qualquer uma de suas fases: no argumento, no roteiro, nos diálogos, na fotografia, na interpretação, na direção, na produção, no laboratório, na dobragem, na mistura de pistas sonoras.

Só agora começamos a investigar as maneiras por que poderemos contar, em têrmos cinematográficos, os grandes e inesgotáveis temas brasileiros. Só agora estamos alcançando um nível técnico razoável. Só agora podemos iniciar a avaliação dos profissionais de tôdas as categorias.

Sejamos modestos, portanto, sendo realistas: estamos começando, e precisamos trabalhar em conjunto. Não sòmente dentro da turma artística e técnica de um filme (o que já é muito), mas também no plano geral do cinema brasileiro.

Não há problemas particulares em nossa indústria que nasce: há problemas coletivos, que a todos devem interessar. Temos de construir uma indústria, temos de desmascarar e enfrentar de peito aberto os nossos inimigos internos e externos, temos de ser participantes e não espectadores.

Façamos conscientemente os nossos filmes, sabendo que os dirigimos a uma das maiores platéias do mundo, o povo brasileiro. Quando conseguirmos colocar os nossos filmes em tôdas as telas do Brasil — e não, como agora, num têrço ou na metade —, quando os nossos filmes ocuparem essas telas mais do que quaisquer outros filmes, teremos vencido.

Até lá, precisamos guardar o mais rigoroso senso de proporção, a mais humilde modéstia para com o povo que nos vê e a gente com que trabalhamos.

LUIZ FERNANDES

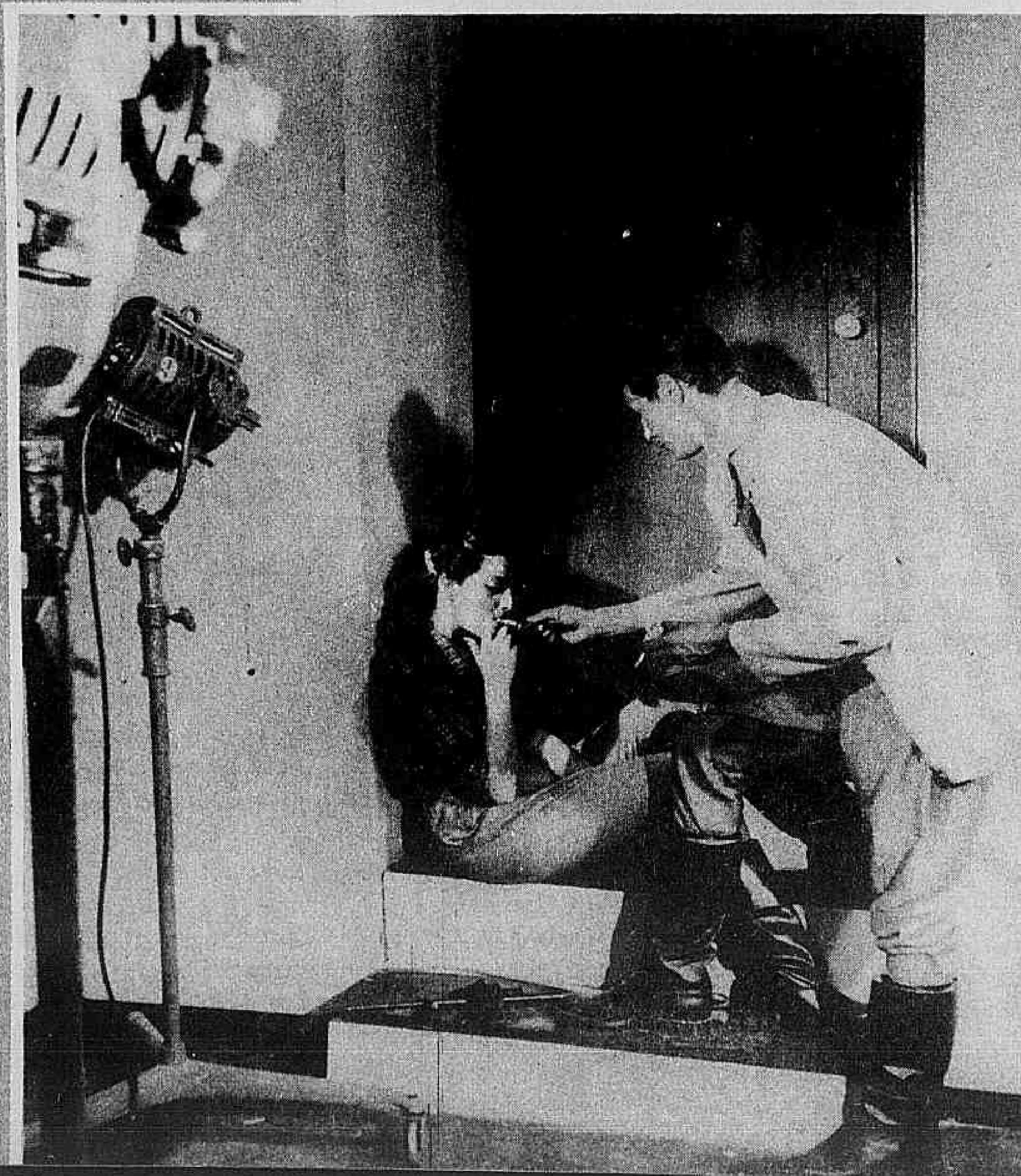
escreve:

POR FALAR EM CINEMA NACIONAL...

O sorriso de Herval Rossano parece demonstrar confiança no futuro...



Patrícia Lacerda e Emílio Castelar descansam enquanto é iluminada uma cena de «Nobreza Gaúcha», que ambos fazem na «Sacra Filmes».



... Míriam Teresa, a loura e graciosa filha de Oscarito, continua sendo vista em companhia de Adriano Reis, jovem e promissor «astro» de cinema e teatro. Parece que a coisa começou durante a filmagem de «Três Recrutas» e progrediu depois que ambos passaram a atuar na peça «Cupim», ao lado de « papai » Oscarito e « mamãe » Margô Louro. Visitando os bastidores do Glória, encontrei o simpático parzinho cochichando qualquer coisa. O mais interessante é que êles negam veemente que haja algo mais que uma simples amizade. Enfim, como são bons artistas, não se pode acreditar muito em sua palavra...

★

.... «O Saci» decepcionou bastante, pelo menos aos ádultos, não tendo eu ainda auscultado a opinião da garotada até cinco anos. Parece que o maior defeito está em não se definir bem a intenção do autor, pois não é devidamente explorado nem como ficção, nem como uma história para ser levada a sério. Se se pretendesse dirigi-lo exclusiva ou principalmente às crianças, deveria ter sido mais explorado o lado fantástico e irreal, pois do jeito que está parece que não consegue agradar a nenhuma idade. Rodolfo Nanni, todavia, demonstra firmeza em algumas cenas, além de bom gôsto, para o que contribuiu a bonita fotografia. Os intérpretes, em geral, estão convincentes e naturais.

★

... parece que há qualquer coisa lá por São Paulo, pois grandes encrencas estão acontecendo nos dois principais estúdios: Vera Cruz e Multifilmes. Êste último, depois de omitir o nome de Herval Rossano no elenco de «O homem dos papagaios», não está cumprindo as cláusulas existentes no contrato firmado com Paulo Autran, relativamente à questão de publicidade. Como resultado, o Autran está acionando o Civelli. Quanto à Vera Cruz, consta que entrou num regime de economia, despedindo uma verdadeira multidão de empregados. Além disso, Anselmo Duarte e Ilka Soares deixaram de fazer parte do elenco da película «Floradas na Serra», não se conformando, dizem, com o fato de aparecerem em papéis de menos destaque que os de Jardel Jercolis e Cacilda Becker. Foram substituídos por Sílvia Fernanda e Miro Cerni.

. . . a linda Ana Beatriz estava num grupo à porta do Teatro de Bôlso de Ipanema, quando começamos a conversar sôbre sua estréia no cinema, que se dará em «Tôda a vida em quinze minutos». Diz ela que não está absolutamente satisfeita, achando que não saiu nada bem, principalmente por ser colocada junto a gente experiente na arte de representar, como Jardel, Jaime Costa e outros. Não nega que foi uma boa oportunidade para aparecer, mas ao mesmo tempo acha que foi contraproducente contracenar com aquêles veteranos.

★

. . . não faz muito tempo, o Hélio Souto e o Civelli se desavieram por uma questão qualquer. Pouco depois reconciliavam-se e eram todos abraços. Mas eis que . . . novo desentendimento surgiu, e parece que o Hélio se desligará da Multifilmes. Ainda bem que êsse estúdio conta com o nome de Herval Rossano entre os seus contratados, e Herval é um galã «pintoso», além de possuir alguma experiência teatral, que o tem ajudado a se distinguir mesmo em barbaridades como «Balança mas não cai», «Luzes nas sombras» e «O homem dos papagaios» . . .



Gilda Nery é uma pequena que vai longe, pois não lhe faltam atributos, como graça, simpatia, talento e personalidade. Assim, até eu! . . .

Por diversos colaboradores, inclusive os leitores da CENA

ALGUNS artistas ainda não desconfiaram que é muito feio pedir ou andar à cata de publicidade. Caso tenham qualidades, ela aparecerá. Caso contrário, será até melhor para êles continuar no ostracismo, pois existe também a má publicidade como a que se encontra nesta coluna . . .

CADA argumento que era apresentado ao Sérgio Cardoso tinha um defeito. Depois do «Hamlet», passou a achar que tudo é inferior ao seu talento, tendo-se recusado a estrelar diversas produções. Quem sabe algum dia farão uma versão brasileira de «Henrique V», não é, Sérgio?

E antes que me esqueça, aqui vai um recado para Mara Rúbia: apareça em mais filmes, nem que seja só para nos deliciar com sua personalidade fascinante, mas conserve em casa o rebentozinho, pelo menos por enquanto. Você acha sinceramente que a Terezinha dá mesmo para a coisa? . . .

NÃO vê logo a Liana Duval, que ainda é muito cedo para começar a bancar a temperamental? Há pouco surgiu um rumor de que não deseja trabalhar ao lado de Herval Rossano. Não se sabe por que, e no caso, não interessa.

A Multifilmes não foi muito bem sucedida com seu filme de estréia, «O homem dos papagaios». Entretanto, dizem por aí que o seu próximo lançamento, «Destino em apuros», mostrará cenas do nosso Carnaval que farão a platéia vibrar . . . de indignação, tão ridículas e falsas elas são.

MIRO cerni não deu certo com Ilka Soares, alegando que a razão principal era o fato de ser ela «estrêla» de cinema. Chegou mesmo a dizer que jamais se casaria com uma artista. Deve ter mudado de idéia, e a Sílvia Fernanda que o diga . . .

UM de nossos jovens e promissores galãs está noivo de uma garôta da sociedade e, por isso mesmo, anda escondendo o fato o mais que pode, pois não deseja misturar sua vida particular com publicidade. Por quanto tempo o conseguirá? . . .

DESDE quando Altair Vilar virou mulher? Pelo menos é o que se deduz por uma fotografia de uma «estrêla» morena, publicada em revista «especializada» em cinema, cuja legenda se refere a Altair como «a nova Garbo» . . .

ALGUÉM, que assistiu à filmagem de uma cena de amor de um dos nacionais dêste ano, comentou que o rapaz mais parecia estar beijando a própria mãe que a namorada. Acontece que a «estrêla» era bem mais velha que êle e . . . parecia mesmo!

År	Frånvarande		Förs. ank.	Försäljning
	Sjuk	Perm.		

Namn Gustavsson, Greta Loviss N:o 195

Adress

Sthlms Riks Tel.

Anställd den 26 juli 1920

Uppsägningstid 1 mån

Födda den 18 Sept 1905 ogift gift

Förut anställd hos

Avlämnade originalbetyg st.

Anställning	Avd.		Lön per år/mån.	från den		Dyrtidstillägg	Prov.
Exr	7	26-7 1920	125	19		—	
		19		19			
				19			
				19			
				19			
				19			
				19			

19			19			
Sjuk	Perm.	Förs.	Mån.	Sjuk	Perm.	Förs.
			1			
			2			
			3			
			4			
			5			
			6			
			7			
			8			

Greta Garbo aos 16 anos de idade já era dona de uma beleza fora do comum.

GRETA GARBO trabalhou aqui

Por JOÃO CARLOS COIMBRA





CORREIO DA SUÉCIA

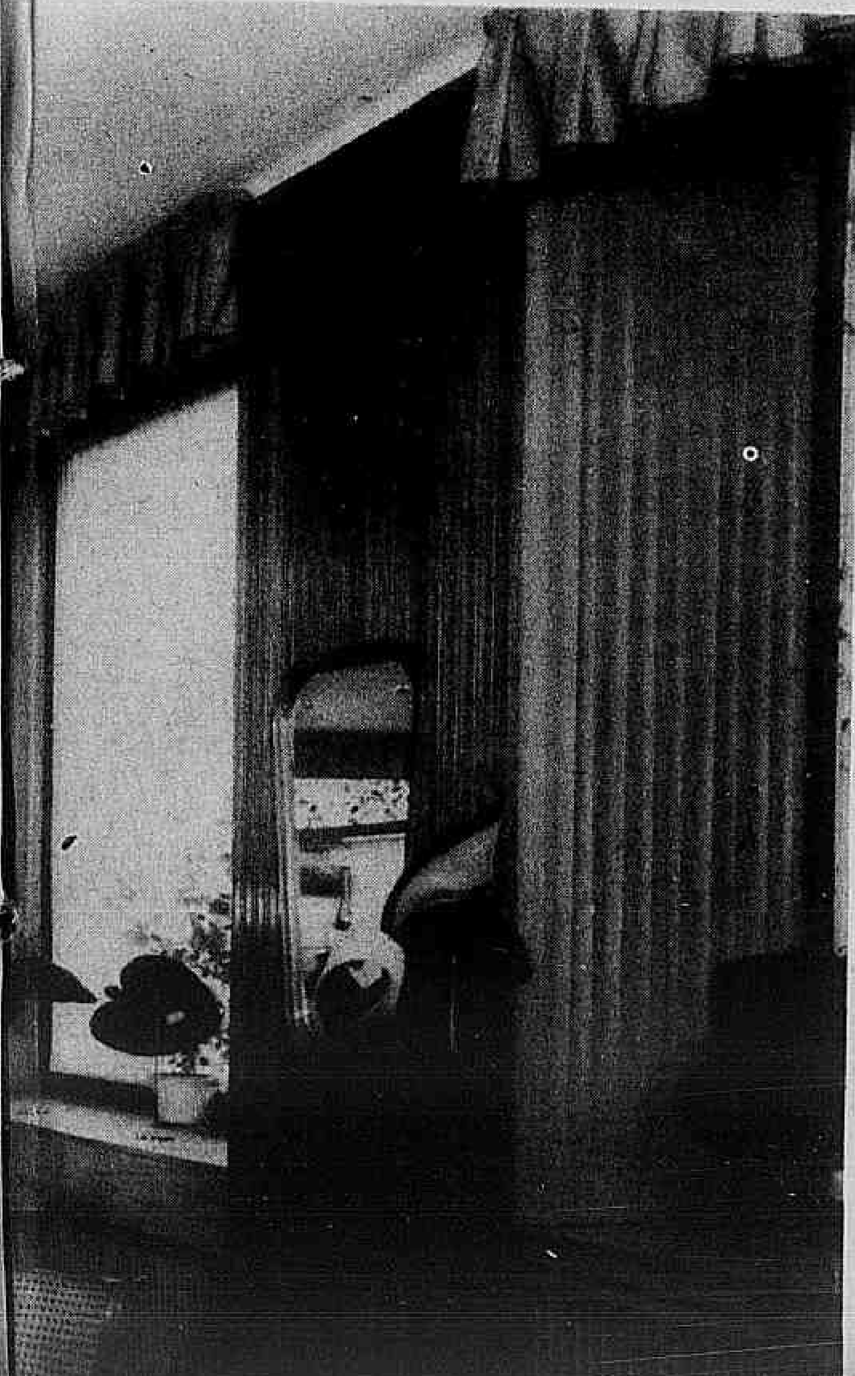
"Estocolmo, 29 Junho 1953.

Visitei há dias a grande loja PUB, um dos maiores estabelecimentos de varejo na Suécia. As vendas no ano passado foram de cêrca de 600 milhões de cruzeiros. Essa loja emprega mais de 1.700 pessoas e ocupa uma quadra inteira.

Durante nossa visita acompanhados pelo Diretor, sr. Curt Oldenburg tive ocasião de ver a seção de chapéus para senhoras, onde trabalhou Greta Garbo durante dois anos. Para os leitores da CENA presentearam-me com a fotografia da famosa atriz quando ela entrou para o trabalho, assim como da própria ficha de emprêgo. Verifica-se pois que Greta Garbo nasceu em 18 de Setembro de 1905. Entrou como aprendiz na seção de chapéus para senhoras, passou depois para modêlo de vestidos e chapéus com o ordenado mensal de 125 coroas (cêrca de mil cruzeiros).

Despediu-se da casa em 22 de Julho de 1922, para entrar em trabalhos de cinema..."

Na importante loja «Pub», de Estocolmo, só falta colocarem uma taboleta com os dizeres: «Garbo trabalhou aqui!», tal é o farol que fazem a respeito.



ABSURDOS

O "beicinho" que Tony Curtiss costuma fazer...

——) : : (——

O fato de Jane Powell ter desmoronado o seu lar, considerado um dos mais felizes de Hollywood, só porque se interessou pelo dançarino Gene Nelson. Jane está começando cedo!...

——) : : (——

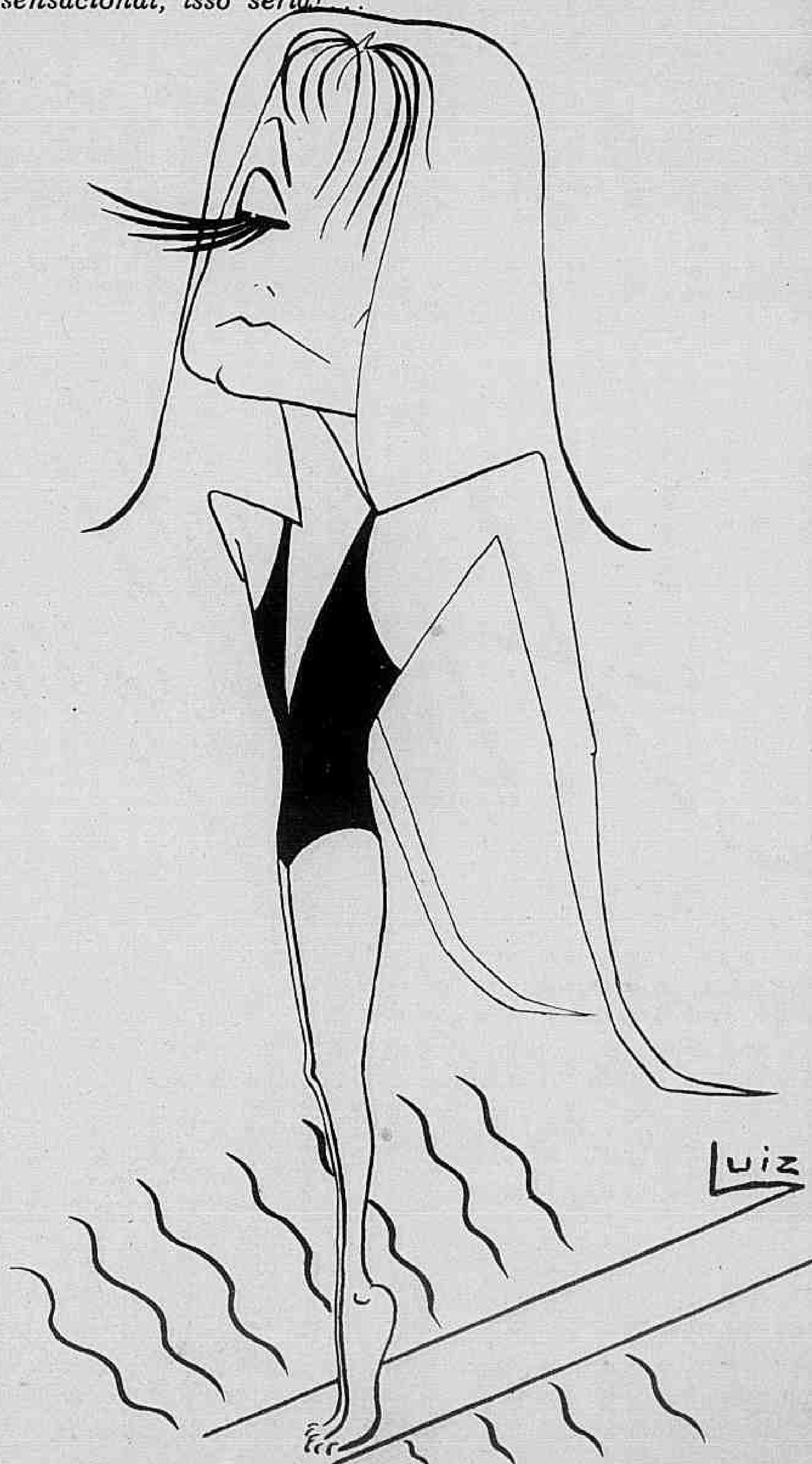
Pensarem que Carmen Miranda virá ao Brasil no próximo ano...

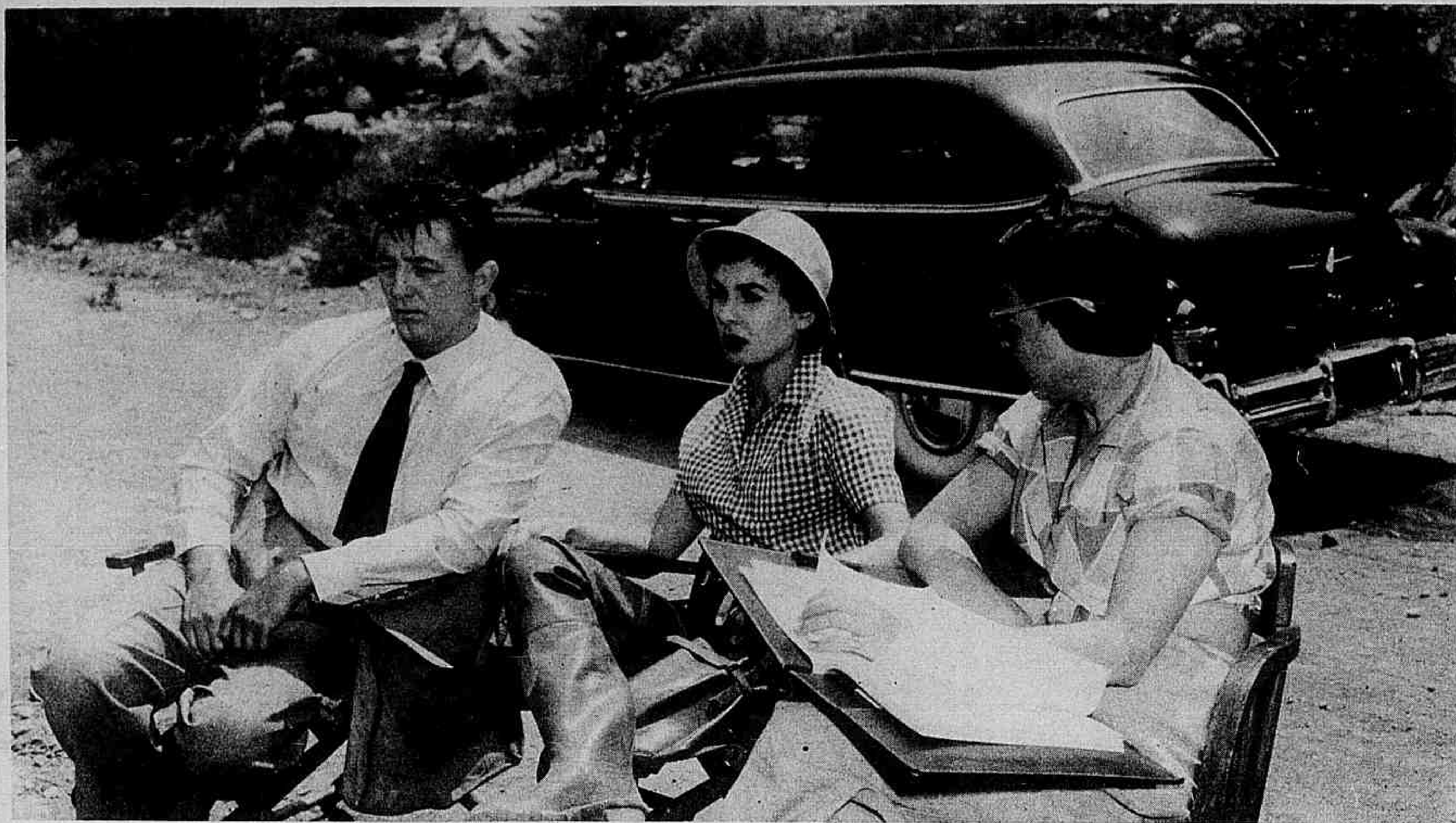
——) : : (——

"A Santa de um Louco"...

——) : : (——

Esther Williams ser substituida por Greta Garbo em um de seus próximos aquários coloridos. Pensando bem, quem sabe se alguém fizesse essa sugestão, a "divina sueca" se resolveria a voltar à tela? Que seria uma volta sensacional, isso seria!...





Jean Simons e Robert Mitchum ensaiam com a encarregada dos diálogos, Valerie Douglas, a cena que irão interpretar daí a instantes, para «Beautiful but dangerous», da R.K.O.

Hollywood em CENA

ELIZABETH Taylor, que há pouco sofreu uma crise de esgotamento nervoso, já está gozando perfeita saúde. Tanto, que a Metro ordenou-lhe que permanecesse na Inglaterra, onde ela estrelaria «O Belo Brummell», ao lado de Stewart Granger, com Curtis Bernhardt dirigindo e Sam Zimbalist produzindo.

★

Joan Crawford lançou nova moda de brincos, e sem o querer. Em seu filme, «Torch Song», ela usa suas próprias jóias verdadeiras para não destoar dos elegantes modelos que exibe. Para uma determinda cena, o diretor Charles Walters pediu-lhe que usasse um par de brincos que chamassem a atenção — pelo bom gôsto, é claro. Joan procurou em seu cofre portátil, e embora não achasse nada de extravagante nuns de esmeraldas que possui, apanhou-os assim mesmo. Para desocupar as mãos enquanto fechava o cofre, colocou os brincos às pressas, na parte superior das orelhas, esquecendo-os. Ao entrar no «set», o diretor não conteve uma exclamação, elogiando-a pelo bom gôsto da escolha e, principalmente, pela maneira original que os havia colocado. As demais pessoas que lá se encontravam fizeram o mesmo, sem dar tempo a Miss Crawford para desfazer o engano. Por fim, ela resolveu deixá-los daquela maneira e assim foi filmada. Talvez seja a lançadora, ainda que inconsciente, de uma nova e ousada moda!...

★

Espera-se uma nova grandiosa «performance» de Shirley Booth em «About Mrs. Leslie», da Paramount. A responsabilidade de Shirley é muito grande, pois foi considerada êste ano pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood como a «melhor atriz» do ano, por seu trabalho em «A cruz de minha vida» (Come back, little Sheba), ao lado de Burt Lancaster.



Marilyn Monroe, que como se sabe teve uma infância necessitada ao extremo, não se esquece dos dias amargos que passou e por isso mesmo está sempre pronta a cooperar com qualquer movimento de caridade que se inicie na Terra do Cinema. Aqui a vemos ao lado do "disk jockey" Peter Potter, à esquerda, e de Danny Thomas, que organizaram há pouco um esplêndido "show", cuja renda reverteu inteiramente em benefício do Hospital S. Judas, de Los Angeles.



Vera Ralston é casada com o presidente da Republic, pouca gente sabe. O marido não gosta de ser fotografado ao lado da «estrêla», evitando-o sempre que pode. Talvez tenha adquirido algum complexo em virtude da grande diferença de idade existente entre ambos. Eis o casal de regresso da Europa.



Jane Russell surpreendeu Vincent Price no «set» de «Son of Sindbad», com um grande bôlo de aniversário, e sua lembrança parece ter deixado o artista bastante satisfeito. Dale Robertson já está comendo o bôlo... com os olhos!



A eternamente jovem Loretta Young recebe as boas-vindas de seus três filhos, ao chegar de uma viagem que teve de fazer para tomadas, «em locação», de cenas de sua próxima película, «It happens every thursday».

Bonito lôgro aquêle em que caiu muita gente boa, quando foi esperar a Silvana Pampanini no Galeão, hein? Será possível que os representantes da companhia aqui no Rio não houvessem sido informados de que ela cancelara a viagem? Ou temiam que a recepção a Vittorio de Sicca e à outra «estrêla» italiana não fôsse lá muito calorosa, sem a presença da protuberante «signorina» Pampanini? ...

★

E a Metro continua anunciando o seu decantado «Quo Vadis», desta vez um tanto disfarçadamente, como naquele «short» sôbre Roma, exibido no mesmo programa de «Lili», «tela panorâmica» (?) e tudo o mais, que mostra em sua cena final as duas turistas visitando um «set» de filmagem do complicado filme.

★

Dizem que o filme de Glenn Ford, «O Americano», não sairá mais, nem aqui, nem lá ... Seu produtor, Robert Stillman, nem bem chegado a Hollywood, já se interessava pela produção de outra película. E o que acontecerá, nesse caso, com Paulo Monte, que já estava de malas prontas para viajar para os Estados Unidos?

★

Charles Vidor, que dirigiu Elizabeth Taylor em «Rhapsody», presenteou a linda senhora Michael Wilding com dois gatinhos siameses, no dia em que foi rodada a última cena da película. Sabem quais foram os nomes que ela deu aos bichanos? «Rapso» e «Dee» ... Tá?

★

Hoagy Carmichael e Harold Adamson, que escreveram algumas canções que são interpretadas por Jane Russell e Marilyn Monroe em «Os homens preferem as louras», declaram que essas duas «estrêlas» interpretam admiràvelmente qualquer canção, sendo, portanto, muito fácil compor músicas para elas ... Reconhecem que não possuem grande voz, mas suas interpretações são calmas e personalíssimas, o que muitas vêzes vale mais que uma voz educada. Basta dizer que Marilyn já assinou contrato com uma gravadora de Hollywood, que promete passar para a cêra todo o magnetismo da loura sereia.

★

Filha de peixe ... Ao tocarem no estúdio da Metro a gravação de uma ária da «Boheme», feita por Kathryn Grayson para o filme em que ela interpreta o papel de Grace Moore, sua filhinha Patty Kate deixou tôda a turma boquiaberta cantando algumas das passagens, e em puro italiano. A garôta, que tem apenas quatro anos de idade, desde que nasceu presta atenção nos trinados que Miss Grayson dá em casa, seja no banheiro ou em outra dependência qualquer.

★

«Sabrina Fair», da Paramount, conta com três nomes valiosos em seu elenco, senão vejamos: Humphrey Bogart, William Holden e Audrey Hepburn, que atingiu o estrelato da noite para o dia e já forma entre as preferidas do público americano, depois de sua «performance» ao lado de Gregory Peck em «Holyday in Rome».

"Querida Marlene..."

Adalgiza Maria da Rocha — Estrada do Engenho da Pedra, 596-A, apt. 101 — Olaria.

«... qual o seu time?»

«Não tenho preferência no futebol.»

«... qual o esporte que você mais aprecia?»

«Voleibol, sem dúvida alguma.»

«... qual será o seu próximo disco?»

«O de carnaval, «Patinete no morro». Depois dêsse, «Funga-Funga», marcha, e a batucada «Zé Pequeno».

«... o que acha do amor?»

«O amor é uma coisa louca!... A vida sem amor é impossível. Só o amor constrói para a eternidade.»

«... e dos homens?»

«Acho que nós mulheres devemos dar mais valor às qualidades morais dos homens que às físicas. Entre aquelas, destaco a bondade e a compreensão.»

«... e das suas fãs?»

«O fã é o esteio onde o artista se apoia; suas cartas, seu interêsse por tudo que nos diz respeito, são como um prego que sustenta o nosso cartaz.»

«... será que você poderá dar o número de seu telefone?»

«Infelizmente não, pois ainda não consegui um.»

★

Maria Tereza M. de Araújo. — General José Cristino 41, c-14, S. Cristóvão.

«... quando você voltará a filmar ao lado de Luís Delfino?»

«Estamos estudando o assunto, pois são inúmeros os pedidos que recebemos nesse sentido.»

«... tomará parte em algum filme carnavalesco?»

«Depende de muita coisa, principalmente de se apresentar um bom argumento.»

★

Marizette Vasques Marins — Engenho de Dentro.

«... fundei há pouco uma espécie de «Fã Clube», o qual recebeu o nome de «Legião». Concorda com êle?»



Uma atitude de Marlene em sua nova peça, "Angelina e o Dentista".

«Até gostei muito do nome que você escolheu. Muito obrigada.»

★

Luís Edmundo —

«... onde posso encontrar «Swing no morro», sua primeira gravação?»

«Êsse disco foi gravado na «Odeon», onde talvez possa ser encontrado.»

«... poderá gravar «Lamento negro»?»

«Vou tratar disso, sim.»

★

Dimar Mardins Lonello — Caixa Postal 43, Mirandópolis, São Paulo.

«... seria possível levar em seu programa Ivon Cury?»

«Com muito prazer eu o terei como convidado de meu programa, assim que houver uma oportunidade.»

«... o filme «Balança mas não cai», já foi exibido no Rio?»

«Já, e ficou algumas semanas em cartaz, a pedido do público.»

«... quando pretende fazer uma excursão a São Paulo?»

«O mais breve possível, dependendo de meus compromissos aqui no Rio.»

«... de tôdas as faixas, qual o título que mais a empolgou?»

«Tôdas as faixas me empolgam igualmente.»

«... qual o endereço do Fã Clube do Rio?»

«Rua Riachuelo, 91. Sempre às ordens e obrigada.»

ATENÇÃO, FÃS DE MARLENE! Sua favorita responderá, semanalmente, pelas páginas da CENA, às cartas que FOREM ENDEREÇADAS À RÁDIO NACIONAL. Portanto, NÃO lhe escrevam para esta revista, mas podem procurar aqui as respostas, que as encontrarão.



No entardecer da VIDA

ELENCO

Beatrice Page	GINGER ROGERS
Stanley Krown	WILLIAM HOLDEN
Harry Phillips	PAUL DOUGLAS
Eddie Woods	JAMES GLEASON
Sally Carver	PAT CROWLEY
Willie Wolfe	JESSE WHITE
Marjorie Rambeau ...	EM PESSOA
George Courtland ...	GEORGE REEVES
Dramaturgo	KING DONOVAN
Patty	MARIAN ROSS
Gerente do teatro	RICHARD SHANNON
Emma	MAIDIE NORMAN

Filme da PARAMOUNT

Dirigido por IRVING RAPPER

11496-96



Acompanhada do ex-marido, de um admirador milionário e um agente artístico, Bea parecia completamente feliz.



A «estrêla» ouviu estarrecida a opinião de Stanley sôbre sua «performance» daquela noite.

Lembro-me perfeitamente da noite em que Bea e eu conhecemos Stanley Krown. Estávamos no «Sardi's», esperando a saída dos matutinos que trariam a crítica da peça que estreiáramos aquela noite, «No Laughing Matter»; estrelada por Beatrice Page e produzida por mim, Harry Phillips. Fazia-nos companhia o atual interêsse de Bea, o milionário George Courtland. Devo explicar que, embora divorciados, Bea e eu continuávamos sendo os melhores amigos dêste mundo, talvez mesmo porque nos conhecêssemos tão bem e eu tivesse produzido tôdas as suas peças.

Stanley era um autor que ainda não se havia realizado; portanto, era pobre. Por tudo isso, jamais poderia imaginar que Bea pudesse se interessar por êle. Mas estava enganado... Nós acabáramos de ler no «Times» um crítico declarar solenemente que Beatrice Page estava soberba, mas a peça não valia nada, quando ela deparou com Stanley tomando um drinque no bar com seu agente Eddie Woods, e olhando-a insistentemente. Pediu-me que o convidasse à nossa mesa. Bea esperou por alguns instantes que o rapaz fizesse algum comentário sôbre sua «performance» daquela noite, mas como tal não acontecesse, tomou a iniciativa de perguntar-lhe sua opinião. Stanley, fixando-a nos olhos disse: «Eu sempre digo o que penso, Miss Page, e é porisso que tenho poucos amigos. Detesto hipocrisia.»

Bea sorriu e insistiu: «De qualquer maneira, gostaria de saber a sua opinião.»

«Bem, já que pede, eu achei que até a metade da peça a senhora estava encantadora. Daí em diante, mostrou-se tão convencida do seu encanto, que me embrulhou o estômago. Parecia que estava sendo apenas condescendente para com o público, **favorecia-o** com o seu magnetismo.»

Resolvi intervir, antes que Bea explodisse: «Só metade da peça, querida, repare bem...»

Stanley continuava: «A maior qualidade que uma atriz pode ter, Miss Page, é humildade, coisa que a senhora desconhece!»

Bea olhava-o espantada. Finalmente, conseguiu esboçar um sorriso forçado. «Bem, estou me portando maravilhosamente: não gritei e não fiz cenas. Muito bem, Mr. Krown, uma atriz deve ter humildade. E um escritor?»

«Isso é diferente», respondeu, Stanley, dirigindo-se aos companheiros de mesa. «Um escritor nunca deve ser humilde, nunca deve-se preocupar em agradar aos outros, mas a si mesmo. Muito pelo contrário, deve ser arrogante, convencido, e até rude.» Apagando seu cigarro no cinzeiro, levanta-se e diz: «Bem, tenho de trabalhar. Miss Page, deculpeme se falei demais, mas eu tenho de ser sincero comigo mesmo. Boa noite.»

Talvez aquela fôsse a última vez que me encontrasse com Stanley, se não tivesse acontecido de haver êle esquecido sua peça em cima da mesa. Perguntei a Eddie se poderia levá-la para passar os olhos, ao que êle respondeu que sim, que a peça refletia bem o temperamento do autor, uma peça forte!...

★

Quando levei Bea ao seu apartamento, resolvi ler a peça de Stanley lá mesmo, na biblioteca, e acabei adormecendo. De manhã, depois de ingerir quatro copos de laranjada que Ema, sua empregada, me forneceu, li o resto das críticas sôbre «No laughing matter», e telefonei à bilheteria do teatro. Só então, Bea se levantou. Informei-lhe que os pedidos de reserva de entradas eram mínimas, o que talvez significasse minha ruína.

«Oh, que pena, querido! Teremos mais sorte da próxima vez, não é?» Tornandose pensativa por um momento, continua: «Será que isso vai afetar o pagamento da pensão que você me dá? Sabe que você já está bastante atrasadinho nesses pagamentos?»

Suspirei. Não, eu não fazia a menor idéia de quanto pudesse estar-lhe devendo, na minha posição de marido divorciado. Mas isso não acontecia com Bea. Ela se preocupava com um «cent»!... Felizmente, não tive de responder, pois Ema entrava com o café. Acendi dois cigarros e entreguei a Bea, que me olhava sorrindo. «Sabe, Harry? E' tão divertido nós dois tomando café assim juntos!... Quando estávamos casados, nos divertíamos assim? Não... nunca! Era só discussão, discussão. Há quanto tempo estamos divorciados?

A esta altura, Stanley entrava, pois Eddie lhe dissera haver eu levado sua peça para casa, e desejava saber minha opinião a respeito. Realmente, era uma peça forte, interessantíssima, mas nem me passou pela cabeça produzi-la, pois não era um papel para Bea. Peguei-a sôbre a mesa e entreguei ao rapaz.

«Qual é a história?» pergunta Bea.

«Um conflito entre mãe e filha. Um papel explêndido para uma garôta de dezenove ou 20 anos. Um pianista no concêrto que tem de deixar o lar, e a mamãe não quer deixar.»

«Soa horrível da maneira como diz», objeta Stanley. Não é a história, mas as cenas que são consistentes e fortes.»

Bea ofereceu-lhe um copo de suco de laranja, e Stanley tirou algumas laranjas dos bolsos, assim como alguns legumes. Trabalhava num mercado...

Enquanto Bea se dirigia à cozinha para levar seus presentes, Stanley passou o apartamento em revista com os olhos, e disse: «Gosto do seu apartamento:f»

«Não é **meu** apartamento», esclareci. «Costumava ser, quando Bea e eu éramos casados. Muitas noites, quando trabalhávamos até tarde, eu acabava dormindo sôbre... Bem, isso não lhe interessa.»

«Na qualidade de escritor, interessome por qualquer assunto». Bea voltava da cozinha. «Qual é a idade da mãe em sua peça? Se fôr cinqüenta anos, a filha pode perfeitamente ter vinte e nove. E eu poderia fazer o papel!»

Stanley não gostou da idéia de remoçar a personagem principal 10 anos, mas fiz ver ao rapaz que êsse fato talvez tornasse a situação mais dramática. Êle não se convenceu. «Mexi com esta peça durante dez anos, e não pretendo alterar uma linha sequer. Nem ao menos para ter uma atriz bonita como Miss Page no papel.»

«Obrigada. Jamais consegui encontrar beleza em mim!»

(Cont. no próximo número)

TEATRO

TREZE DEGRAUS PARA BAIXO



Cena do segundo ato, onde vemos Jason César, Moacir Deriquen e Maria Pompeu.

NÃO se pode exigir muito de uma peça apreciada no Duse, porque a finalidade dêste teatro é lançar autores novos, e assim não se deve julgar como a um espetáculo de profissionais. «Treze degraus para baixo», de Lúcio Fiuza, é uma peça fraca, com alguns defeitos. O problema apresentado não é original e mesmo não tem a atualidade de uns seis anos passados. Explora uma trama política, cuja seqüência adivinha-se no primeiro ato. Lúcio Fiuza joga no palco um personagem obcecado pelo partido extremista que se dedica de corpo e alma a causa inglória, desleixando a própria família. A conseqüência de tudo isso é a dissolução conjugal e o arrependimento com um final dramático. Os personagens que nos parecem bem delineados, reagem muitas vêzes sem uma preparação conveniente. No comêço do segundo ato, Max se interessa por Lígia, mulher de seu liderado e fá-la ciente disso. A declaração deveria ser violentíssima para que Lígia tivesse a reação que teve, tentando matá-lo. Mas isso não acontece, deixando incompreensível aquela atitude. Há no terceiro ato diálogos com certos exageros de expressão que evidenciam mau gôsto. Clóvis refere-se ao amor da mulher como «o mais falso amor sôbre a terra»!!! O terceiro ato, embora movimentado, tem o «script» com ares misteriosos de barata história policial.

A direção de Pascoal foi honesta, procurando os melhores efeitos. Assim o côro no final com o foco de luz, torna-o mais bonito. A marcação é sempre um difícil problema naquele palco, pela sua exiguidade. Em certos momentos usa de recursos para a movimentação nem sempre bem sucedidos. E Pascoal não pôde reparar os defeitos das entradas e saídas dos personagens em cena, defeitos êsses exclusivos do autor.

Na interpretação que teve um elenco bem homogêneo, destacamos Jason César (Max), Geny Borges (Tia Rosália) e Moacir Deriquem (Clóvis). Jason compôs o tipo com ótima máscara, expressando-se sempre com muita facilidade. Geny teve a masidão exata do papel e Moacir obedeceu com sua bonita figura de «Clóvis» que Lúcio Fiuza idealizou. Maria Pompeu (Lígia) não deu uma interpretação uniforme (contribuindo para isso as cenas mal escritas e rubricadas) e Aurélio Magalhães comportou-se com dignidade. O estreante Ramiro Magalhães tem uma bonita voz e poderá ser melhor aproveitado.

Os cenários de Celso Borges são bons, tendo-se em vista as possibilidades cênicas do palquinho do Duse.

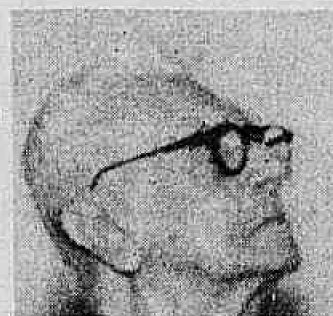


UM ASSUNTO

ÊSTE "doutor" Barreto Pinto que o Prefeito colocou à frente do Municipal para desmoralizar o nosso primeiro teatro, não entendeu o espírito da lei que mandou criar o "Festival do Rio de Janeiro".

O "Festival" tinha como objetivo selecionar o melhor de música de câmara e dos nossos conjuntos sinfônicos, assim como apresentar uma série de espetáculos dramáticos que estivessem à altura do nosso principal teatro. Andou certo o "doutor" Barreto Pinto escolhendo Bibi Ferreira para a questão de teatro em prosa do "Festival" Mas, segundo fomos informados, essa grande atriz-diretora tem todos os seus movimentos tolhidos pelo trêfego e inconsciente diretor do Teatro Municipal, que por fôrça de lei também é o secretário da Comissão Artística da qual faz parte, entre outras nulidades, o sr. Freire Júnior, que entende de pornografia, mas não entende patavina de "ballet", música sinfônica, ópera, elencos estrangeiros. Vemos agora que Bibi Ferreira nos promete como espetáculo inicial dêsse anunciado "Festival" em três partes, duas das quais com peças em um ato de Roberto Gomes (uma se não nos falha a memória já estêve em ensaios no Duse). Mas a última parte do programa dessa noite que deveria ser só de Roberto Gomes, será preenchida com a seródia e velhusca "Ceia dos Cardeais", de Júlio Dantas. Toma assim um ar de "tiro" teatral, pois chamaram para os três papéis João Villaret, Jaime Costa e Sérgio Cardoso. Autêntico "tiro" (é assim que se chama em linguagem dos teatros da Praça Tiradentes as festas arranjadas às pressas) e com uma inalterável "Ceia dos Cardeais", com três figuras de proa para atrair o público. Isso será no Teatro Municipal do Rio. Que faz Bibi Ferreira nessa história tôda? Que atitude toma? Não seria preferível renunciar aos chorados sete mil cruzeiros que lhe dá o sr. Barreto Pinto e tomar a sério o teatro que a tem como uma de suas principais figuras? Como empresta o seu nome para uma patuscada dessas? E, acima de tudo, com que coragem dirige um espetáculo que não contribui em coisa alguma para a finalidade com que foi criado o "Festival"?

GRAU DEZ



AOS críticos Rocha Mendes, Ney Machado, Paschoal Carlos Magno e Brício de Abreu, que tiveram a idéia de homenagear Augusto Santos, o ator mais velho de nosso teatro (84 anos). Brício saudou-o no palco do Duse, durante a estréia de «Treze degraus para baixo», relembrando com memória prodigiosa passagens da vida artística do velho Augusto Santos.

GRAU ZERO



À « vedette » Joana D'Arc, que, após ruidoso rompimento com Geisa Bôscoli, monta uma companhia de revistas com três «cartazes» (Dercy Gonçalves, Jaime Costa e Berta Rosanova). Além de obrigá-los a abandonar o elenco, fica devendo os ordenados de Jaime Costa!

Nestes flagrantes vemos, no primeiro, os próprios alunos do Duse trocando cenários e, nos outros dois, Moacir Henriques, Geni Borges e Jason César.

ESTRÉIA no DUSE



ROTEIRO DA NOITE

RONDANDO NOS BARES — Para o carioca ou turista que queira conhecer [illegible] nossa noite. A Princesa Isabel há a «Tesca» que fechava [illegible] Copacabana, fazemos aqui um apanhado geral sôbre o que [illegible] manhãzinha. Isso no tempo de Ligia e Dora Lopes [illegible] para danças e Leopoldo garantindo sempre a [illegible]. Na outra rua vemos o Siroco (com sua curiosa decoração) [illegible] ambos sem público e com bebidas duvidosas. O Bolo [illegible] bares com mulheres, que tomam desde cerveja até o [illegible] «Whisky» é muito caro e ademais não se sabe de [illegible]. Mais para o Leme há o Pambu, com a freqüência de [illegible] ambiente fôsco e cheirando a desinfetante. Pegamos [illegible] Avenida Copacabana e rumamos mais para o sul. Na passagem, avistamos ainda uma casa sem luz, mas conservando dizeres como «Hoje e tôdas as noites»: são os restos mortais do Acapulco. À direita está o «Five o'clock», animado, tendo um conjunto formidável e Ligia cantando. O desagradável de lá são as cadeiras e as mesas, que parecem de jardim. Na outra rua está o «Ciro's», que nunca teve a sua «época», embora a casa dê para se manter. Próximo à praia entramos num beco. Lá está o «Clube de Paris», com plumas na vitrina. Tudo é mentira, pois dentro não existem plumas e nem sempre freqüeses. Mais no canto há um toldo escrito «Chez Colbert». Entrando, vemos logo um balcãozinho de cigarros, não raro com Virginia Noronha descansando. Essa portuguêsa simpaticíssima, que atuou em vários elencos de revista, faz, agora, televisão. A noite vai ao «Chez Colbert» e anima o bar. A decoração é bonita e se não fôsse o exaustor que funciona pessimamente e uma certa desorientação nos preços (parece que agora estão acertados) estaria tôdas as noites sem uma mesa vaga. Também canta lá uma argentina que é uma belezinha. Chiquita Gren, ela canta tangos, boleros e ainda rumbas. A fumaceira do [illegible] nossos olhos e saímos. Passamos pelo «Clube 36», que tem a freqüência sofisticada e os preços mais sofisticados. Quase na esquina de Fernando Mendes há um novo bar: o «Scotch». Ambiente agradável, mas ainda não pegou. Em [illegible] está o bar mais gostoso do Rio: o Michel. Mimi e Jonas César no piano, os peixes no aquário e a bebida sempre boa bastam para manter o melhor ambiente. Agora os preços subiram um pouco, o que é justo. Na praia situa-se o «Maxim's», que não é nem a sombra do que já foi. Depois que Freddy saiu de lá mudaram a decoração, puseram uns [illegible] melhoraram a refrigeração, mas não é a mesma coisa. Agora um longo trecho sem bares. Atrás do «Bian» está o «Tudo Azul», de categoria mais baixa, cujas noites se alongam: quem tiver fome encontrará boa comida. Novamente na praia vemos o «El Escalo», que nunca teve freqüesia, embora seja gostoso. Para namorados, não há melhor bar, pois o sossêgo mora lá. Mais além está o Cinco com Elvira e Henrique. Bebidas baratas [illegible] pequenas, mas quem quiser «whisky» precisa cair na simpatia da casa. E finalizando no Pôsto Seis [illegible] o clube da Chaves, [illegible] e para qualquer um. O gostoso é a freqüência quase totalmente de gente de rádio, cinema e teatro. O salão não é bonito e parece restaurante [illegible] manhã e finalizamos a nossa ronda.

Da próxima vez andaremos nas «boites» cariocas.

Ligia . . .



Chiquita Gren . . .

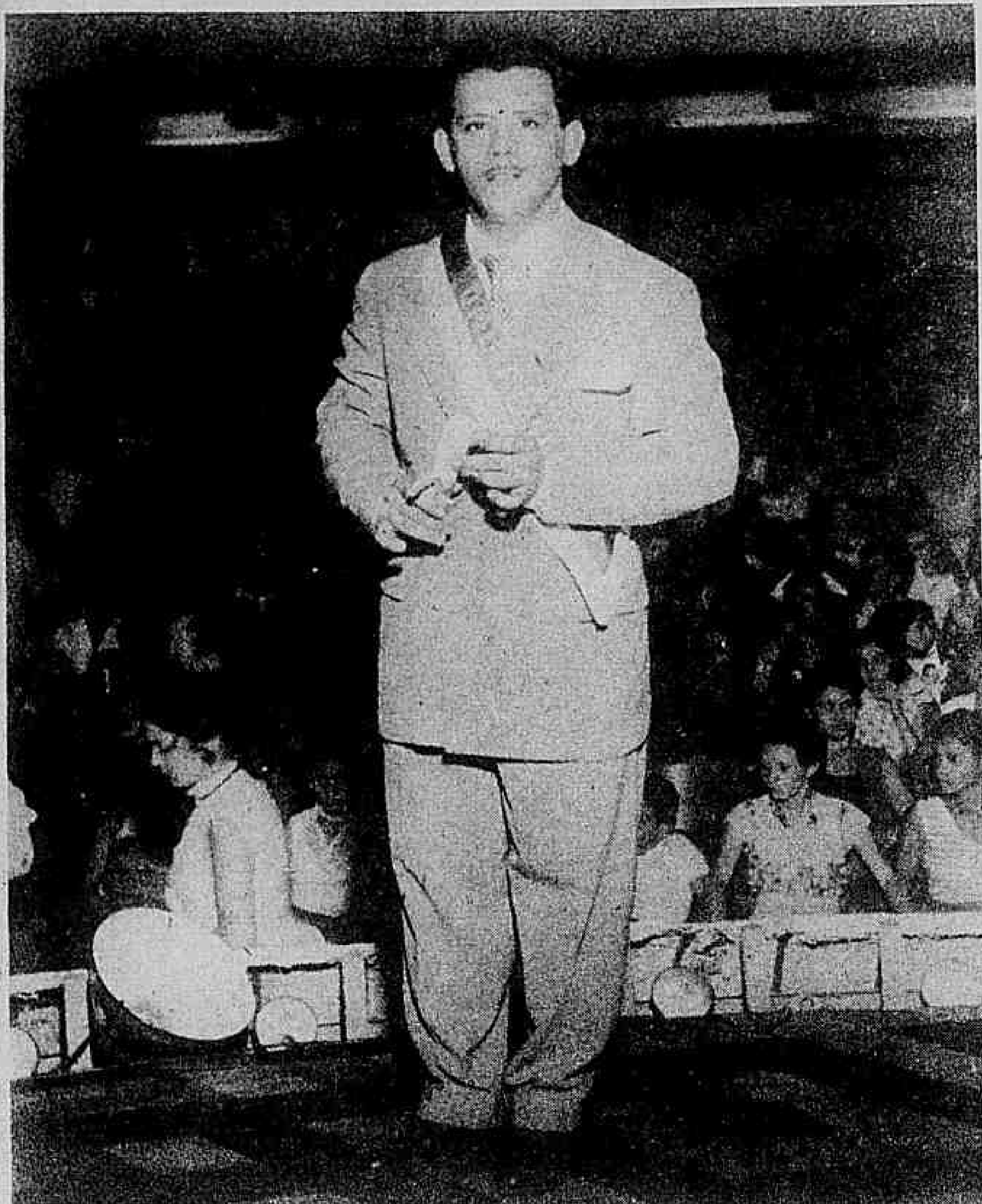


Cena Radiofônica

EDEL NEY



Orlando Correia, «o melhor cantor»



Em recente Concurso promovido pelo Chacrinha, através de seu famoso programa sabatino "Vesperal das Moças", irradiado pela Tamoio desde às 14 horas, Orlando Correia foi eleito, após renhida disputa, como "O Melhor Cantor das Associadas Cariocas".

Título sobremodo pomposo, que fêz Orlando ficar radiante com a sua expressiva vitória. E que fêz com que a Tupi passasse a olhar Orlando Correia com outros olhos, dando-lhe grandes programas.

No flagrante acima, Orlando Corrêia, quando recebia a cobiçada faixa, num dos programas de Abelardo Barbosa, vendo-se o auditório completamente lotado. (O que êle tem nas mãos é um diploma, e não uma banana descascada, como muitos poderão pensar).

Fomos informados, ainda, que o novo cantor recebeu belíssima proposta, a fim de realizar uma temporada ao microfone da Rádio Belgrano, de Buenos Aires, onde, aliás, se encontra a estrelíssima Dalva de Oliveira.

Orlando Correia está positivamente com tudo, pois também seu mais novo disco está nas Paradas de Sucesso, com o samba "Sistema Nervoso".

GILDA DE BARROS, A PERSONALÍSSIMA — Gilda de Barros é uma das novas «estrêlas», que vem-se firmando na grande constelação da Nacional e Mayrink. Dona de uma personalidade a tôda prova, com uma voz encantadora, cheia de graça espontânea. Gilda de Barros está destinada a se tornar uma de nossas mais queridas cantoras, em futuro bem próximo. Recentemente, foi contratada pela gravadora Odeon, para a qual já fêz seu disco de estréia: «Eu sou a outra», samba de Ricardo Galeno e a versão de «I Apologize».

No flagrante acima vêmo-la com Felisberto Martins, diretor artístico da referida fábrica. Felisberto parece estar zangado, mas, é tudo pose, pois Gilda de Barros é uma cantora que não dá trabalho.

Através de seu programa semanal, tôdas as segundas-feiras, às 11,30, pela onda da Nacional, (onde atua como «crooner» do famoso conjunto melódico de Raul de Barros), lançou, em homenagem à colônia judia do Brasil, «O baião em Israel», que foi recebido com invulgar sucesso. E Gilda, que «não dorme de touca», deverá gravar êsse sensacional baião, no seu próximo disco.

GILBERTO ALVES HOMENAGEIA A MULHER BRASILEIRA

GILBERTO ALVES é um dos grandes cartazes do nosso sem fio, dono de uma legião de fãs que cresce diàriamente, e de um repertório realmente grandioso. Seus sucessos contam-se às centenas. Já excursionou por êsse Brasil a fora e, no momento, estuda vantajosa proposta para ir ao Prata, cantar na Argentina, Uruguai, Chile e outros países.

Intérprete escolhido pelos compositores, para as homenagens a fatos e datas especiais, Gilberto Alves vem de lançar um samba original, intitulado «Exaltação à Mulher Brasileira», o qual deverá gravar no seu primeiro disco post-carnavalesco.

Gilberto Alves já recebeu muitas congratulações, de diversas partes do Brasil, pelo lançamento da referida música.

Gilberto Alves, o famoso «astro» das Associadas, ladeado pelo cronista desta secção (que escreveu o poema), e pelo compositor Uzias da Silca, que musicou o samba-exaltação.



ÂNGELA MARIA NO FILME «RUA SEM SOL»



Ângela Maria discute com Vittorio Lattari, diretor artístico da Copacabana, os últimos detalhes para a gravação de seu novo disco, que ela interpreta em «Rua sem sol». Reunirá êle os sambas «Vida de báilarina» e «Rua sem sol».

ÂNGELA MARIA, a aplaudida «estrêla» do Rádio brasileiro, uma das cantoras mais ouvidas no momento, será uma das grandes atrações, com que contará o novo filme nacional «Rua sem sol».

«Rua sem sol» é uma produção da Flama, sob a direção experimentada do famoso cineasta e crítico de cinema Alex Viany, que, como se sabe, estêve muitos anos em Hollywood, como enviado especial de uma de nossas revistas.

Ângela aparece duas vêzes no referido celulóide, como uma cantora de um dancing. E interpreta, com a classe especial que possui, dois lindos sambas-canção, intitulados, respectivamente, «Rua sem sol» e «Vida de bailarina», e os quais estão destinados a constituir mais dois êxitos da querida «Princesa do Rádio».

Prevendo a grandiosa aceitação que terão as músicas da nova película da Flama, a gravadora Copacabana, a cujo «cast» Ângela Maria pertence com exclusividade, lançará, por êsses dias, um novo disco da famosa intérprete, contendo, na face A, o samba que dá título ao filme, de autoria de Henrique Gandelman (que escreveu a música da fita) e Mário Lago, e, na face B, o «Vida de bailarina», assinado por Chocolate e Américo Seixas.

Em virtude do sucesso que alcançou «Agulha no palheiro», primeiro celulóide Alex Viany, tem-se como certo, o êxito de «Rua sem sol», que foi produzido e rodado à base de uma brilhante equipe, com um elenco magistral.

RONDA DOS PREFIXOS

A Nacional transferiu o horário da última edição dc "Reporter Esso", das 22,55, para às 22,35.

★

A diretora-presidente da Rádio Eldorado, promoveu, no dia 5 de outubro, por motivo de seu aniversário, uma festa na sua residência, na qual recebeu os cronistas especializados.

A propósito, podemos adiantar, que a referida Emissora de D. Anna Khoury contratou o produtor Paulo de Oliveira, que estêve, ùltimamente, como assistente de Dias Gomes, na fechada Rádio Clube.

★

A Televisão Tupi, graças ao seu contínuo crescimento, está montando novos e grandiosos estúdios, à rua Paulino Fernandes, em prédio próprio.

★

A Mayrink continua apresentando com êxito, às quartas-feiras, às 21,30, o original de Haroldo Barbosa, "A Cidade se Diverte", um dos melhores programas cômicos, atualmente irradiados.

★

A Guanabara retirou do ar o programa "Música e Perfume", que era transmitido da "boite" "Night and Day", e um dos melhores programas noturnos dessa emissora.

NOTICIANDO

O rádio-ator Cahué Filho, que pertenceu à Nacional, está na terra. Veio à bordo de um navio-tanque, trabalhando como marujo, pois, sòmente assim, poderia vir diretamente de Montreal para o Rio, e aproveitar as suas férias na capital carioca. Como se sabe, Cahué, atualmente, está contratado pela C.B.C. Dizem, porém, que êle não pretende voltar ao Canadá.

★

Esther de Abreu, a querida "estrêla" portuguêsa da Nacional, está na América. Mas, só por pouco tempo. Estará de volta, por êsses dias.

DISCO-NOVIDADES

Na Victor, Inezita Barroso, famosa «estrêla» de nosso folclore, apresenta-nos um disco fora do comum: «O canto do mar» e «Maria do Mar». Aliás, outra folclorista, a Stelinha Egg, gravou em um de seus novos discos, para essa gravadora, a canção de Caymi, «O mar». Como se vê, depois do cigarro o mar está na ordem do dia.

Bill Farr, que rescindiu com a Sintér, assinou, definitivamente com a Continental. E, para o seu 1º disco nessa fábrica, gravará uma toada-baião de Luís Vieira, que anda recitando os seus poemas, pelos corredores da Nacional. Bonitos poemas, diga-se de passagem, inspirados todos no sertão. Parece-nos que Luís Vieira tem algo de Catulo da Paixão Cearense, dentro de si.



Trio Marabá

Milton Gama, uma das vozes bonitas da Mayrink, intérprete de boleros, está mudando de rumo, acertadamente. Para início de conversa, foi um dos primeiros a gravar para o carnaval, na Columbia. O samba chama-se «Covardia» e é assinado por Castro Perret, Othon Russo e Renato Caetano. «A marcha do soluços» está na outra face e é de autoria de Oscar Belandi e J. França. Depois do carnaval, Milton Gama levará à cêra sambas e boleros brasileiros.

Os novos «long-play» Regente contrataram George Keny, famoso organista argentino, que já remeteu de Buenos Aires as matrizes. Êsse solista estará presente no 1º Suplemento de gravadora de Paulo Vallin, da Rádio Nacional, que passou», de Noel Rosa, «Amoroso», Tapajós, juntamente com Amyrton imortalizou, no solovox, «Nuvem que de Garôto, e «Estás aí para isso?» e «O baião é bom», ambos de sua lavra.

Dino Dini, na Odeon, no seu novo disco, cantando pela primeira vez em português, a «Valsa dos noivos».

Um dos recordistas de venda da Copacabana, o Trio Marabá tem, quase mensalmente, um novo disco na praça. Suas mais recentes gravações são: «Jambalaya», de Hank Williams, um dos sucessos do momento, em bonita versão de Ariovaldo Pires, e o samba-canção «Sombras entre nós», de Hervé e René Cordovil.



Milton Gama

PÁGINA DO Leitor

Leitor amigo:

Então? . . . Gostou? . . . Não? . . . Por que? . . . Só você mesmo poderá responder-nos a essas perguntas. Como deve ter reparado, a «sua» página aqui está, firme como o Pão de Açúcar! Continuamos à sua disposição, não só para responder às suas perguntas, como para publicar as suas opiniões sôbre êste ou aquêle assunto ligado a cinema, teatro ou rádio. A sua colaboração, no entanto, não será remunerada, pois só o estímulo que terá, vendo-a publicada, vale muito mais que a importância que poderíamos oferecer.

Aguardamos suas sugestões para melhorar cada vez mais a CENA, que pretende apresentar sempre novas secções, as quais, esperamos, serão também de seu agrado, pois ela passou a ser uma revista DE FÃ PARA FÃ! . . .

RENATA: Um nome que é uma glória!

Do leitor **Carlos Alberto Dominguez Conrado,** do Rio

FALAR em teatro musicado no Brasil e não mencionar o nome de RENATA FRONZI é o mesmo que falar em Cinema e não falar em Charles Chaplin; falar em Medicina e não falar em Pasteur; falar em Política e não falar em Ademar. Ela é um verdadeiro símbolo, um galardão do nosso teatro, um nome que permanecerá imortal na vasta galeria dos artistas brasileiros.

Um público pode ter seus astros teatrais prediletos, tanto um cômico, como uma «vedette» ou uma cantora; porém, um ídolo: isso é algo que se adota sòmente na proporção de um ou dois para cada geração; e a nossa queridíssima RENATA é um dêles. E o seu público, aquêle que verdadeiramente a tornou uma sua instituição, aquêle que mais a quer, mais a adora é o público desta famosa e única Copacabana; que da noite para o dia a transformou na sua máxima «vedette». Surgiu RENATA como uma bomba atômica, sendo durante muito tempo o assunto preferido dos amantes da arte teatral, a estrêla mais visada pelos homens da Imprensa, o rosto que se encontrava em tôdas as revistas e a mulher mais invejada pelas outras representantes do sexo fraco. Nunca uma «vedette» foi mais imitada: no próprio teatro (por outras artistas) e na vida cotidiana, por mulheres que se penteavam, andavam e até rasgavam olhos e sobrancelhas «à la Fronzi». Foi tamanho o seu sucesso, quando do seu sensacional lançamento como estrelíssima, que deixou de ser a «menina dos olhos» de Copacabana, para converter-se na coqueluche irremediável da cidade inteira, na «vedette» que todos desejavam ver. Fronzi tomou conta por completo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Pouco depois, com o seu comentado e feliz casamento com o popular locutor CÉSAR LADEIRA, valor exponencial do rádio brasileiro, o povo carioca teve que se sujeitar a não poder apreciar por certo tempo a formidável verve histriônica de La Fronzi, que só retornaria ao «show-business» muito depois, e como co-diretora (com seu marido) dos célebres e muito bem recebidos CAFÉS CONCERTOS da «Boite» Acapulco, gênero que foi uma completa inovação, pois implantava o agora famoso Teatro de Madrugada, adotado, posteriormente, por outros empresários cariocas (Carlos Machado, Maurício Lanthos, etc.).

O sucesso de RENATA foi outra vez superestrondoso, porém, o seu querido público prosseguia reclamando a sua presença no palco como «vedette», a única e insuperável que ela sempre foi e continuará a ser através dos anos. Muitas «vedettes» estão surgindo e surgirão no futuro, mas o campeonato estará sempre nas mãos de RENATA FRONZI, pois ela é insubstituível, impossível de ser superada. Por fim, voltou à cena RENATA, numa revista chamada ADOREI MILHÕES, no Teatro FOLLIES, do Pôsto 6, cantando apenas dois números, numa apresentação especial. Bastou isto para que o público afluísse àquele teatrinho, como jamais o fizera anteriormente; ficando assim, definitivamente comprovado, que basta o nome glorioso de RENATA FRONZI LADEIRA para lotar diàriamente qualquer teatro. Surgiu, então, a RENATA com outra personalidade ainda desconhecida: a cantora sofisticada, dando um tom diferente de sentimento em suas canções, como mui raramente se vê. Não tardou que a convidassem para gravar, o que ela tem feito com extraordinário sucesso (discos long-playing da Musidisc).

Continuando o seu rosário de vitórias artísticas, RENATA encenou com grande êxito duas revistas: LOURA OU MORENA (com Mara Rúbia) e VAI DA VALSA; brilhando tanto como atriz ou como empresária. Em seguida, RENATA foi a São Paulo, onde obteve um «sucessão», com lotações esgotadas quase que diàriamente. Era sua própria terra que lhe prestava homenagem, a terra bandeirante que ela tanto ama, que a recebeu com os braços abertos; pois São Paulo não conhecia RENATA na posição invejada de vedetíssima. Além de Teatro, RENATA atuou também na Televisão e foi contratada pela Kino Filmes para aparecer em um filme com Colé, Inezita Barroso e a grande revelação do teatro de revista brasileiro: a fabulosa CARLA NELL.

Falando assim de FRONZI, é claro, faz parecer que ela seja uma espécie de instituição pública. De um modo geral, ela o é; não que instituições públicas sejam infalíveis ou indestrutíveis, mas FRONZI é algo mais: é um fenômeno, um fenômeno brasileiro, um fenômeno na vida teatral da nossa terra, algo assim, vamos dizer: imorredouro.

Creio que tôda essa qualidade nata de representar e de fazer-se querida por todos que ela possui em grande potencial, é pura e simplesmente um reflexo da sua **felicidade**; sim, porque RENATA é uma pessoa feliz; talvez isto a explique muito melhor do que qualquer outra coisa: a felicidade, e não poderia ser de outra forma, sendo LA FRONZI uma mulher amada como o é pelo seu público, pelo seu marido, pelos seus inúmeros amigos; tendo fama, nome prestigiado, beleza e dois maravilhosos pimpolhos para encher de alegria o seu lar: não poderia nunca deixar de ser feliz; e é justamente esta **felicidade** que ela irradia, que a faz uma extraordinária atriz; porque a transmite aos outros, quando em cena; nota-se essa felicidade em todos os seus gestos e expressões.

Além de tôdas estas qualidades, temos que acrescentar à pessoa de RENATA, o fato dela ser uma espécie de Mescenas do Teatro. Sem conta é o vasto número de artistas, ansiosos de vencer, que ela tem ajudado a subir, a galgar os difíceis degraus da fama no «métier». Contam-se, entre êstes nomes, alguns já famosos, outros que ainda o serão: NÉLIA PAULA, «vedette» consagrada de Copacabana; PINA



LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
À VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

BRUNETTE, vencedora do Concurso de Carinhas Novas de 53; TILDA JORDAN, dona de um corpo escultural; RUI CAVALCANTI, jovem de grande talento, que veio do Teatro de Estudante; ANILZA LEONY, de remarcada beleza e jeito de «vedette»; AUGUSTO CÉSAR, outro que veio do TE; IVONE NELSON, revelada nos cafés-concertos e, agora, no cinema; NICK NICOLA, comediante de futuro: a fabulosa CELME SILVA, também vinda do TE e que recebeu uma verdadeira consagração por parte dos críticos teatrais; GENE DE MARCO, de extraordinária beleza, tanto de rosto como de corpo, ex-fotógrafa na «boite» Acapulco; e, principalmente, a que eu considero a sua maior descoberta para o Teatro; CARLA NELL, bela e promissora, com um notável talento de comediante; para Carla está reservado um lugar de destaque nos cenários artísticos do país.

Assim é RENATA, destituída de qualquer orgulho, vaidade ou pose de estrêla; ela vai dando a mão aos mais novos no «métier», auxiliando-os como pode: com o seu prestígio, com a sua influência, com a sua bondade e com a sua classe consumada.

RENATA FRONZI, no momento, está no apogeu de sua vitoriosa carreira artística: disputada pelo Cinema (Sociebrás e Kino Filmes), Rádio (Clube), Televisão (Rio e São Paulo) e Marcas Gravadoras (Musidisc); dividindo como pode o seu precioso tempo entre tôdas essas atividades; porém, uma coisa ela nunca poderá abandonar: o Teatro, pois êle está no seu sangue, na sua alma. RENATA e TEATRO são dois nomes que se confundem e um jamais poderá se afastar do outro, são sinônimos perfeitos. Levará muito tempo para que possa surgir uma outra «vedette» como RENATA, pois ela leva a marca da originalidade e da simpatia, nunca da vulgaridade.

É por tudo isso que RENATA FRONZI é um nome que honra o nosso teatro: UM NOME QUE É UMA GLÓRIA.



ASSIM ESTAVA ESCRITO

Do leitor HUMBERTO NUNES DE SOUZA

HOLLYWOOD sempre Hollywood, com suas manias de exaltação à sua grandeza, coagulada por uma eclosão que está vinculada numa história cinematográfica bastante interessante, embora sôlta em sua temática e um tanto vacilante em seu linguajar cinema-espetáculo, de querer dizer alguma coisa mas não saber como, cujá figura central é o produtor Jonathan (Kirk Douglas), excelente no melhor desempenho de sua carreira. Herdara do pai, um grande produtor do passado, a mania de fazer filme.

Um grande elenco é o sustentáculo da fita, encabeçada por Lana Turner, no papel de Georgia, uma medíocre atriz amadora que sonhava com o estrelato, até o dia que Jonathan deu-lhe uma chance de aparecer em um filme seu, como principal protagonista, e o filme neste particular, entra, embora frustado, no terreno da psicologia individual. Dick Powell vivendo o papel de um escritor que ganha nome escrevendo história para o cinema. Barry Sullivan vivendo a odisséia do malogrado assistente de direção Fred, uma das vítimas do cinismo de Jonathan. Gilbert Rolland com uma peninha para atrapalhar, figura no papel de Gaúcho, outra espécie de «affaire» de Mr. Jonathan. Walter Pidgeon convincente na sua sobriedade, completa o elenco. Vicente Minelli concorre para seu bom aspecto formal e dramático.

Por intermédio dêsse filme, os fãs ficam sabendo que os diretores da moderna Hollywood são meras figuras decorativas, simples fantoches movidos pelos cordéis do impiedoso produtor, que intervém em tudo que não lhe diz respeito, e o realizador passa à condição de dirigir apenas os artistas. Não tem autonomia nem para escolher um cenário, embora talento não lhe falte.

Aqùi está uma razoável película saída dos estúdios da Metro, laureada com 5 «Oscars». Onde não haveria lugar para um Rosseline. Entretanto está definida a intriga cinematográfica emergida de uma sutileza formal, que agrada e distrai.

Igualmente assistimos àquela cena que o produtor eufórico, no meio de uma discussão, diz para o realizador: «Então você quer dar-me lição de estética, hein? Pois está despedido.»

E passou êle, o produtor, a dirigir o filme.

Se uma mulher carregada de «sex-appeal» dança e canta uma canção intitulada «Amado Mio», contracenando com um mocinho «mau» que a esbofeteia, sem tirar o cigarro do canto da bôca, eis um sucesso de bilheteria. Se um cineasta da estirpe de Chaplin é proibido acesso em Hollywood, eis um caso de rotina. Mas um De Mille sempre encontra ambiente em Hollywood, um Orson Welles nunca será perdoado.

Afinal, que assistimos em Hollywood atualmente? Apenas à exaltação do sexo como conteúdo, na maioria de suas películas. Pancadarias é a receita como realismo. Pois êste mesmo cinema está fadado à mediocridade de seus filmes comerciais, evidenciado pela concorrência furiosa da televisão e do cinema europeu.

Enfim, êsse «Assim Estava Escrito» (The Bad and The Beautiful) é um espetáculo digno das grandes platéias.



Lana Turner e Kirk Douglas, numa cena de amor de «Assim estava escrito».

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00







ENDEREÇOS DOS ESTÚDIOS

CALIFORNIA

COLUMBIA PICTURES — Gower Street, Hollywood, Calif., U.S.A. — DISNEY PRODUCTIONS — 2.400 W. Alameda Avenue, Burbank, Calif., U.S.A. — PARAMOUNT PICTURES — 5451 — Marathon Street, Hollywood, Calif., U.S.A. — R.K.O.-RADIO STUDIO — 680 N. Gower Street, Hollywood, Calif., U.S.A. — REPUBLIC PICTURES — 4024, Radford Avenue, North Hollywood, Calif., U.S.A. — SAMUEL GOLDWYN — 1041, North. Formosa Avenue, Hollywood, Calif., U.S.A. — SELZNICK STUDIOS — Washington Boulevard, Culver City, Calif., U.S.A. — 20th CENTURY FOX STUDIOS — Box 900, Beverly Hills, Calif., U.S.A. — UNITED ARTISTS STUDIOS — 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, Calif., U.S.A. — UNIVERSAL INTERNATIONAL PICTURES — Universal City, Calif., U.S.A. — WARNER BROTHERS STUDIOS — Burbank, Calif., U.S.A.

BRASIL

ALEXANDRE WULFES — Rua Paulino Fernandes — Tel. 26-8132 — ASTRA FILMES — Rua Sta. Luzia, 285. Tel. 32-7588 — ATLANTIDA CINEMATOGRAFICA — Rua México, 51. — BOTELHO FILMES — Rua Jorge Rudge, 37. Tel. 48-2111. — BRASIL VITA FILMES — Rua Conde de Bonfim, 1.331 — Tel. 38-3497. — CAPITAL FILMES — Avenida Franklin Roosevelt, 126 — Tel. 42-3175. — CINEMATOGRÁFICA SOL BRASILEIRA — Rua Argentina, 51. Tel. 48-0381 — FILMOTECA CULTURAL — Rua Álvaro Alvim, 33. Tel. 42-0651 — FLAMA — Rua Laranjeiras, 291 — Tel. 25-6820. — IMPERATOR FILMES LTDA. — Rua México 7-B, sala 606. — INTERCONTINENTAL FILMES — Av. Amaral Peixoto, 178, 5º andar, Niterói. — JUVENTUS FILMES — Av. Presidente Vargas, 446, 22º and., sala 3307. — MULTIFILMES — Rua Martim Francisco, 303. São Paulo. — SACRA FILMES — Rua Evaristo da Veiga, 16, 8º and., sala 807 — VERA CRUZ — Rua Major Diogo, 311. São Paulo.

LEIAM NO PRÓXIMO NÚMERO:

"PATRÍCIA LACERDA NÃO QUER FILMAR EM SÃO PAULO!" — Entrevista com a jovem estrêla, ilustrada com as primeiras fotos de sua película em filmagem, "Nobreza Gaúcha", onde tem por companheiro o simpático Emílio Castelar.

"Richard Todd recepcionado por Walt Disney em Hollywood". Flagrantes da recepção, onde aparecem Ursula Thiess, Mala Powers, Victor Mature, Piper Laurie, etc. E muitas outras reportagens e secções de interêsse do fã.

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

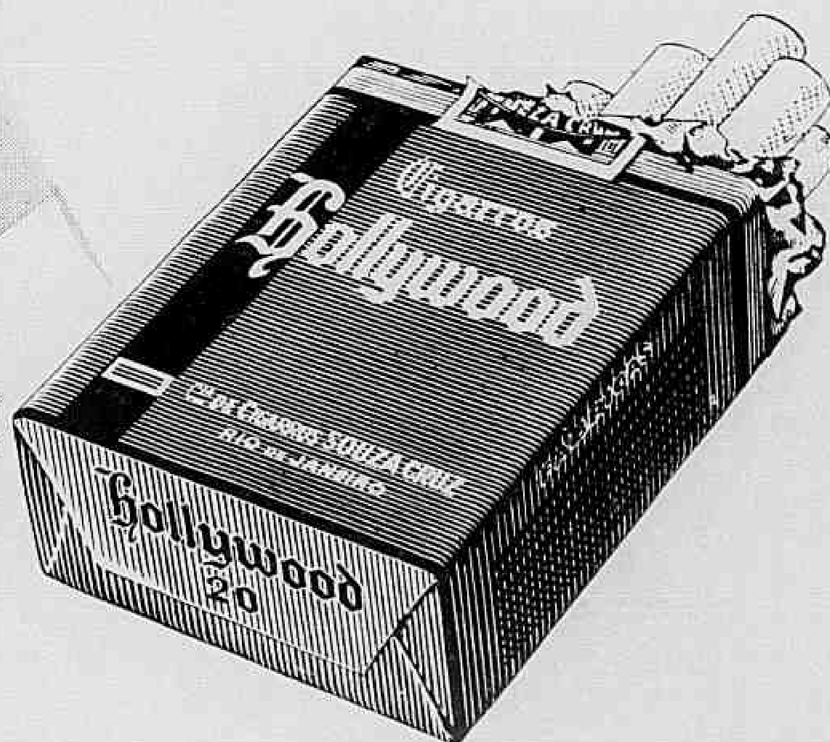
Distribuição e Venda: A. Zambardino.
R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Numero avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00

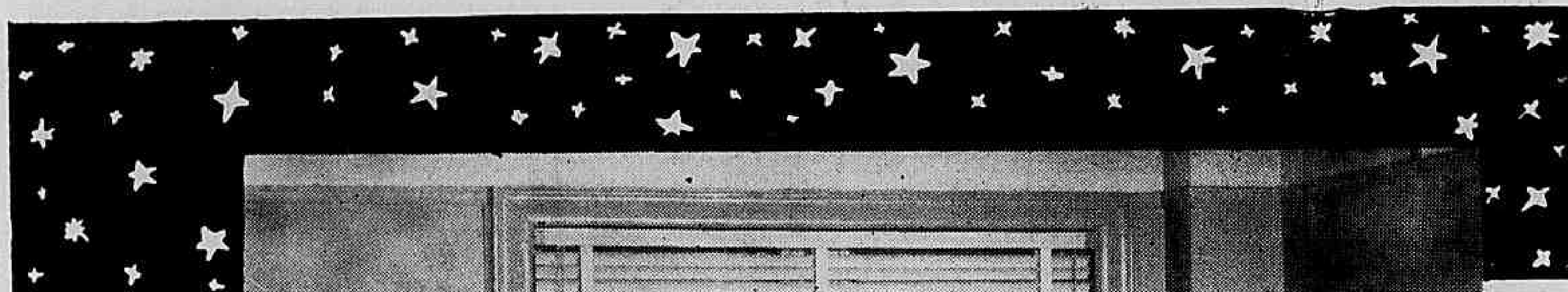


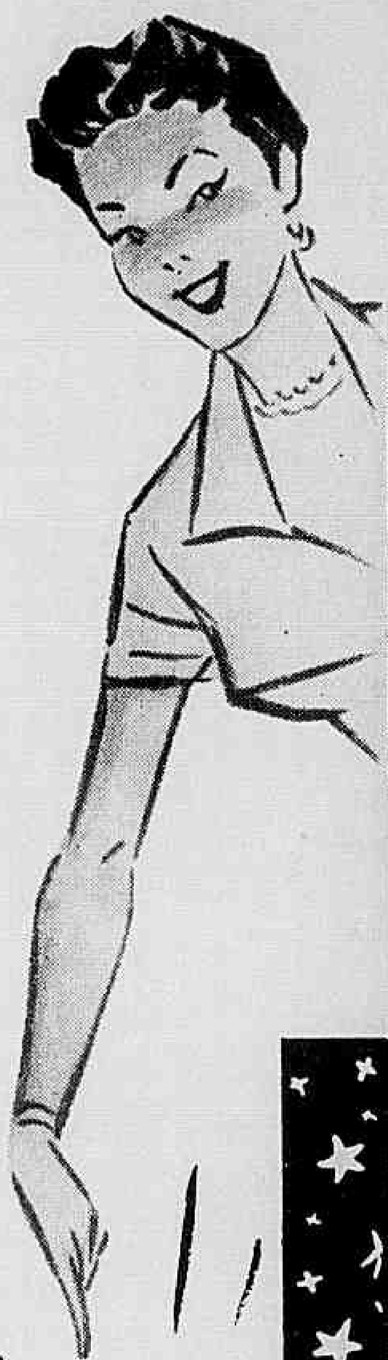
Uma tradição de bom gôsto

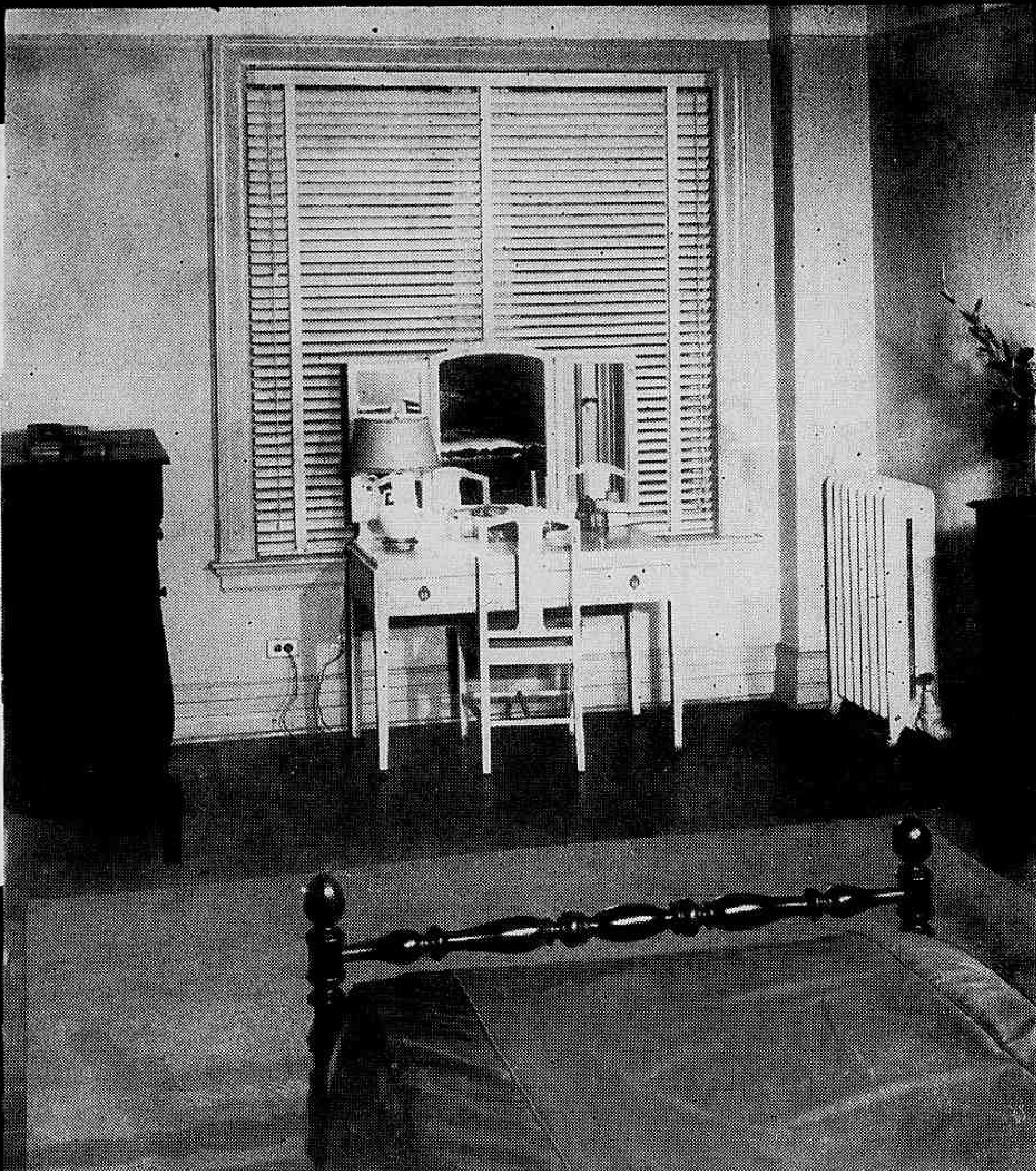


H-88.211

UM PRODUTO SOUZA CRUZ









Óleo de peroba, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos moveis velhos.

